



bi blio TE CO no mia

EDITORA SOCIOLOGIA E POLÍTICA

*passado e
futuro de uma
profissão*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

020.981

B582 Biblioteconomia : passado e presente de uma profissão / Maria das Mercês Pereira Apóstolo (redação e consultoria); Adriana Maria de Souza (redação e consultoria); Jorge Henrique Bastos (redação) ; Winderson Jesus Gomes (iconografia); Rodrigo Estramanho de Almeida (coordenação). – São Paulo : Sociologia e Política, 2020.
p. 80: il. (color.) ; 21 x 21 cm.

Edição comemorativa dos 80 anos da Faculdade de Biblioteconomia da FESPSP.
ISBN 978-85-62116-14-8

1. Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação – História.
2. Biblioteconomia – História – São Paulo. I. Apóstolo, Maria das Mercês Pereira. II. Bastos, Jorge Henrique. III. Gomes, Winderson Jesus. IV. Souza, Adriana Maria de. V. Almeida, Rodrigo Estramanho de. VI. Título.

CDD 23.: Biblioteconomia, Arquivologia – História 020.9
Biblioteconomia, Arquivologia – História (Brasil) 020.981

Ficha catalográfica elaborada por Winderson Jesus Gomes CRB-8/9590.

Composição de capa com foto de sebastian-julian e ilustração de ilbusca.

Direitos reservados à
Editora Sociologia e Política
Rua General Jardim, 522 - Vila Buarque
01223-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. Fax: 0 55 (11) 3123 7800

www.fespsp.org.br

Printed in Brazil 2020
Foi feito depósito legal

bi
blio
TE
CO
no
mia

*passado e futuro
de uma profissão*



Fundação Escola de
Sociologia e Política
de São Paulo
DESDE 1933

EDITORIA **SOCIOLOGIA E POLÍTICA**

Conselho Superior

Angelo Del Vecchio
Presidente

Pedro Luiz Guerra
Vice-Presidente

Francisco Aparecido Cordão
Vice-Presidente

José Carlos Quintela de Carvalho
Vice-Presidente

Aparecida Neri de Souza
Secretária

Ubiratan de Paula Santos
Cláudio José de França e Silva
Amarílis Prado Sardenberg
Vicente Carlos Y Plá Trevas
José Castilho Marques Neto
Aluisio Almeida Schumacher

Diretoria Executiva

Lais da Costa Manso Nabuco de Araújo
Diretora Geral

Romeu Nami Garibe
Vice-Diretor Geral

Almiro Vicente Heitor
Diretor Tesoureiro

Lais da Costa Manso Nabuco de Araújo
Diretora-presidente

Rodrigo Estramanho de Almeida
Coordenação Editorial

Jorge Nagle *(in memoriam)*

Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes *(in memoriam)*

Waltercio Zanvetor
Comissão Editorial

Bibli 80
TECONOMIA anos
FESPSP

Sumário

●	Prefácio Biblioteca: um lugar de encontros da humanidade	6
●	Abertura Um livro sobre Bibliotecárias, Bibliotecários e Cientistas da Informação	10
●	Apresentação	12
1	O surgimento das Bibliotecas no Brasil	15
2	A Biblioteconomia no Brasil: os precursores	21
3	A emergência de um mercado de trabalho urbano	37
4	O mercado de trabalho atual do bibliotecário	43
5	A bibliotecária e o bibliotecário em ação	53
6	O curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP	65

Prefácio

Biblioteca: um lugar de encontros da **humanidade**

Oitenta anos formando profissionais para as bibliotecas do Brasil. Este fato já seria o suficiente para uma grande comemoração. Entretanto, a Escola Livre de Sociologia e Política, assim chamada naquele ano de 1940, fez mais do que inaugurar uma escola formadora de bibliotecários. Ela foi, também, inovadora.

A inovação se fez presente desde o início desta caminhada porque validou, e forneceu espaços de atuação, aos pioneiros do fazer bibliotecário moderno no Brasil, que trouxeram novos ares à organização e gerenciamento dos acervos. Assim, começaram a difundir-os como um instrumento potente de construção de uma nova ideia de civilidade para o Brasil da primeira metade do século XX.

Se hoje o conceito de inovação é tão prestigiado, e às vezes apresentado como algo inusitado, à época, na biblioteconomia, ele se identificava com os nomes de Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes.

Como nos conta esse lindo livro de comemoração, tudo começou com o primeiro “Secretário de Cultura” que o Brasil teve, e que é também um dos intelectuais mais influentes da nossa história, Mário de Andrade.

Ao chamar Rubens Borba de Moraes para o Departamento de Cultura do município de São Paulo, o já célebre escritor e articulador da Semana de 22 viabilizou em 1936 o primeiro curso para formação de profissionais de bibliotecas de São Paulo. Com a absorção deste curso originário pela Escola Livre de Sociologia e Política, com Rubens e com Adelpha à frente, São Paulo teve a oportunidade de conhecer, e difundir para o Brasil, uma nova visão e entendimento do lugar e das missões de uma biblioteca e de seus profissionais. Capacitados tecnicamente, intelectuais bem formados, os fundadores deixaram um legado e obras que são admiradas e lidas, com prazer, até mesmo nesta nossa era virtual, tão diversa daquela que viveram.

Ao ler Rubens Borba de Moraes, eu, que não tenho formação como bibliotecário, e sou um leitor voraz que se tornou professor de filosofia e editor, percebo que sua notável contribuição à biblioteconomia, voltada para a valorização da biblioteca como instrumento fundamental para a democratização da cultura e da educação, se alicerça em bases humanistas e a partir de uma ampla visão do lugar e do papel da cultura escrita na construção das sociedades. Integrante de uma geração transformadora, imprimiu ao curso, em 1940, esta ousadia intelectual e política que, hoje, frequentemente nos falta.

É sempre bom recordar que, sob Mário de Andrade, o tema da cultura ingressou no Estado brasileiro como política pública e, junto com a Educação e a Saúde, tornou-se uma proposta avançada naqueles autoritários das décadas de 1930 e 1940. E sob a direção de Borba de Moraes, a Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura do Município construiu as matrizes do que chamamos hoje de democratização do acesso à leitura: a biblioteca pública central como cabeça da rede de bibliotecas municipais, que seriam distribuídas pelos bairros da capital, e a pioneira biblioteca circulante móvel montada em veículos que percorriam regiões que não estavam contempladas com uma biblioteca. Nos parâmetros da ideia integradora das escolas parques, de outro grande educador e intelectual, Anísio Teixeira, houve grande empenho e incentivo

à literatura infantil e juvenil. Um dos grandes resultados desta visão foi a criação das bibliotecas infanto-juvenis em São Paulo, iniciando-se com a Biblioteca Infantil Municipal, a nossa “Monteiro Lobato”, significativamente situada em frente à FESPSP, sendo hoje a mais antiga biblioteca infantil em atividade no país.

Toda essa história, que é da leitura, dos livros, das políticas públicas de educação e cultura, da construção da “polis” paulistana, confunde-se com a história deste curso que neste 2020 completa seus 80 anos. Não há como dissociá-lo desse movimento precursor e de seus protagonistas, principalmente porque a Escola caminhou, ao longo desses anos, sob os ideais e as diretrizes traçadas na sua origem. E, como na difícil construção da política pública de leitura no município, que conquistou muitos avanços, mas que também sofreu revezes, a Escola jamais deixou de perseguir, e procurar tornar realidade, os sonhos inovadores de seus primeiros professores, ícones da biblioteconomia brasileira contemporânea e formadores de profissionais qualificados, que entendiam a biblioteca como um serviço público estratégico e como alavanca de desenvolvimento para amplos setores da sociedade.

Embora este aniversário aconteça neste difícil período da vida brasileira, atormentada por tantos desmandos e ameaças obscurantistas que impõem retrocessos à educação e à cultura, esta comemoração condensada neste livro – Biblioteconomia – passado e futuro de uma profissão – deve ser festejada. Ao relembrar a sua história, o livro cria a oportunidade de refletir sobre os tempos atuais e projetar o futuro.

Justamente por se apresentar enquanto passado e futuro, elo de gerações e valores, a reflexão sobre esses textos nos faz migrar para uma similaridade sutil, mas muito verdadeira, que muitos pensadores, que se caracterizam por um apreço superior à humanidade, identificam imediatamente: preservar bibliotecas também significa nos reencontrarmos em ações que nos identificam como seres coletivos, como a aspirada comunidade de sujeitos que busca uma vida de paz, conhecimentos, equidade e justiça social para todos.

Uma das grandes traduções deste meu sentimento, compartilhado por muitos que amam a leitura e a escrita, está num livro primoroso de Jean Marie Goulemot, *O Amor às Bibliotecas*, de onde retiro algumas palavras e encerro este prefácio, honrado e agradecido pelo convite da FESPSP para participar deste livro.

“É preciso preservar bibliotecas que sejam humanas e onde seja mantido o vínculo carnal com o livro, que reúnam nesse ato estranho – a leitura refletida – uma comunidade de seres lendo junto e, contudo, isolados. Que as bibliotecas permaneçam assim lugares de vida, onde as ideias não nasçam somente da relação entre um leitor e seu livro, mas também da conversa em torno de uma xícara de café, do encontro com leitores estrangeiros, do devaneio que invade o público no torpor de uma tarde de verão.” (in: São Paulo, Editora Unesp, 2011. p.224/225)

Para cumprir esses objetivos, as bibliotecas precisam ir muito além dos livros e das instalações, precisam contar com pessoas capacitadas e com a sensibilidade afinada aos ideais de suas missões para fazer acontecer este espaço tão necessário, e estratégico, para a vida em sociedade. O curso de Biblioteconomia da FESPSP sabe disso desde sua origem, formar profissionais bibliotecários é a tarefa mais nobre desta Escola. Nesses primeiros 80 anos e nos muitos anos que ainda virão.

José Castilho Marques Neto
*Professor da FCL-Unesp (aposentado),
membro do Conselho Superior da FESPSP.*

Abertura

Um livro sobre **Bibliotecárias,** Bibliotecários e Cientistas da Informação

Entre as lembranças mais recorrentes em todos nós, estão aquelas de professoras e professores que influenciaram nossas vidas. Difícil encontrar alguém que não tenha ouvido e seguido uma ou outra sugestão de seus mestres para a escolha do curso superior e, conseqüentemente, de sua profissão.

Além dos docentes, é também na passagem pela escola que conhecemos o ambiente das bibliotecas, bem como seus profissionais: as bibliotecárias e os bibliotecários. Quantas descobertas foram e são realizadas durante a leitura e o trabalho silencioso nas bibliotecas? E quantas orientações e dicas nos foram apresentadas por esses profissionais da informação que ali estiveram e estão, socializando saber com quem aprende e pesquisa?

Essa é a história que este livro, *“Biblioteconomia: passado e futuro de uma profissão”*, conta: a história de uma das profissões mais antigas da humanidade que se mantém viva e necessária, atualizada pela era digi-

tal e pelas vertiginosas mudanças ocorridas no mundo da informação.

Assim, este livro é resultado de um esforço coletivo, longo e complexo, realizado por profissionais da Biblioteconomia e das Ciências Sociais aplicadas, a fim de registrar uma narrativa sobre essa profissão que há 80 anos se desenvolve no país.

A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo espera que as páginas que seguem tragam aos leitores o conhecimento e reflexão sobre a trajetória da biblioteconomia e homenageie as bibliotecárias e bibliotecários do passado e do presente, iluminando a prática daqueles que se ocupam da organização e disponibilização de informações para os mais diversos usos, no presente e no futuro.

Lais Costa Manso Nabuco de Araújo
Diretora Geral da FESPSP

Apresentação

‘**B**iblioteconomia: passado e futuro de uma profissão’ é um livro comemorativo, lançado após exatos 80 anos da criação do curso de Biblioteconomia que, em 1940, foi acolhido pela então Escola Livre de Sociologia e Política, num momento em que a cidade vivia uma expansão populacional, industrial e cultural e as bibliotecas se destacavam como polos de conhecimento.

A presente obra se inicia com um panorama sobre o surgimento das bibliotecas no Brasil, descortinando aspectos históricos do nosso País de maneira instigante, culminando com a trajetória dos primeiros bibliotecários brasileiros, cuja imagem ainda estava muito ligada a guarda e preservação de acervos. No começo do século XX, a Biblioteca Nacional, sediada no Rio de Janeiro, começou a promover a capacitação de profissionais para organizar os acervos que proliferavam no País e em São Paulo. Duas personalidades são marcantes para o início dos cursos de Biblioteconomia: Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo, cujo pioneirismo marcou profundamente a nossa história. E, falando em história, a obra apresenta a participação de Mário de Andrade no nascimento da biblioteconomia paulistana e o acolhimento pela Escola Livre, iniciando a longa e profícua formação de bibliotecários e bibliotecárias, com relatos das várias fases de formação, sempre acompanhando as necessidades da sociedade e os desafios que ela apresentava. O curso, ao longo de oito décadas, vem preparando profissionais capazes de atender às demandas informacionais da sociedade, seja nos ambientes mais tradicionais, seja em sistemas e serviços ligados à tecnologia e, nas

últimas décadas, dos inúmeros desafios que a sociedade da informação e do conhecimento descortinam.

E por falar em desafio, uma figura que representa muito bem essa palavra é Laura Russo. Uma mulher à frente do seu tempo, que foi responsável por muitas conquistas da profissão, dentre elas, sua regulamentação na década de 1960. Como nos relembra o presente livro “Junto com Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo, Laura Russo forma a tríade fundadora da Biblioteconomia brasileira”. Biblioteconomia essa que evoluiu e cujo mercado de atuação vem se ampliando e diversificando, do mais tradicional ao não explorado, como é muito bem descrito nesta obra, com destaque para o excelente panorama apresentado sobre o papel da biblioteca no século XXI.

A biblioteca como espaço, os bibliotecários e bibliotecárias como agentes e a sociedade e suas necessidades como fim, como razão de ser da nossa profissão, que pode ser visualizada na trajetória dos profissionais que ilustram esse livro comemorativo, formados e inspirados pela nossa Escola. O curso de Biblioteconomia da FESPSP evoluiu, muitas vezes teve que se reinventar diante dos desafios apresentados, mas sua linha do tempo demonstra que ele continua vivo e preparado para as oportunidades, mantendo viva a sua missão de capacitar o estudante, numa perspectiva de formação integralizadora, a responder com prontidão e eficácia às demandas de informação colocadas pela sociedade, intervindo como mediador, gestor e produtor de estoques informacionais.

Que “Biblioteconomia: passado e futuro de uma profissão” reforce a sua visão sobre a importância do bibliotecário e da bibliotecária em uma sociedade democrática e que o acesso ao conhecimento e a informação qualificada seja, cada vez mais, um direito de todos os cidadãos. As oito décadas deste curso foram escritas por homens e mulheres que acreditaram e lutaram por isso.

Valéria Martin Valls

*Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e
Ciência da Informação da FESPSP*



1

O surgimento das
Bibliotecas
no Brasil

Ao inventar a escrita, a humanidade criou também as bibliotecas. De início, locais de armazenamento e guarda de documentos restritos a sacerdotes e governantes, elas evoluíram para espaços de produção de conhecimento como a mítica Biblioteca de Alexandria.

Longa e cheia de percalços é a trajetória das bibliotecas, sucessivamente construídas, destruídas, reconstruídas, acompanhando o percurso descontínuo das civilizações.

Após a longa era medieval, na qual as poucas bibliotecas existentes transformaram-se em refúgios da cultura e do saber antigo, observou-se na Europa entre os séculos XV e XVIII, acompanhando o renascimento cultural, o florescimento de grandes bibliotecas, tais como a Vaticana (1455), a Colombina de Sevilha (1551) e a de Lorenzo de Médici (1571), cujo projeto foi realizado pelo artista Michelangelo (1475-1564).

Seguiram-se outras, como a do Palácio Escorial, erguida em 1584 na Espanha e a Biblioteca Nacional de Paris, inaugurada em 1595. A Biblioteca Nacional de Madri abriu suas portas em 1726. Em Londres foi criada, em 1740, a primeira biblioteca circulante. Treze anos depois, o Parlamento inglês criou o Museu Britânico e, em 1759, a sua respectiva biblioteca. Em 1796, foi a vez de Portugal abrir a Biblioteca Nacional de Lisboa.

No Brasil, as bibliotecas chegaram pela ação dos jesuítas que, em seu propósito evangelizador e educativo, produziram materiais de divulgação da fé católica e muitas obras para a catequização e para a comunicação com os indígenas.

Em pouco tempo, junto com mosteiros e conventos, modestas escolas de “ler e escrever” apareceram na Bahia, Espírito Santo e Pernambuco. Os padres jesuítas que vinham da Europa para desenvolver essas escolas traziam consigo alguns poucos livros necessários às atividades de catequização e alfabetização dos nativos e dos colonos.

Segundo Fernão Cardim (1939), em Salvador, no final do século XVI, havia uma biblioteca instalada no colégio jesuíta lá existente. Igualmente em colégios no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. Certamente, o

As bibliotecas chegaram no Brasil pela ação dos jesuítas que produziam materiais de divulgação da fé católica

acervo dessas 'livrarias', como eram chamadas na época, era composto por títulos de doutrina, litúrgicos e teológicos, misturados com obras para ensino do Latim, utilizadas como material didático junto aos nativos e colonizadores.

Timidamente, a quantidade de livros foi aumentando, mas ainda era insignificante. Conforme Villalta (1992), em meados do século XVI, Rafael Olivi, italiano estabelecido em Ilhéus, considerado o maior possuidor de livros, tinha uma biblioteca de 27 volumes.

Essa escassez de livros perdurará pelos séculos seguintes, provocada principalmente pelos obstáculos colocados pela censura régia e pela ausência de tipografias na colônia. O quadro terá uma mudança profunda e significativa com a transferência do reino português para o Brasil em 1808.

A Biblioteca Nacional de Paris, inaugurada em 1595, é umas das bibliotecas mais antigas ainda em atividade.



Foto: nicoolay

A chegada da família real no Brasil e a sua biblioteca

Quando Napoleão Bonaparte menciona invadir o território português, em 1807, D. João VI viu-se compelido a abandonar o país, atravessar o Atlântico e reinstalar o império lusitano na colônia brasileira.

Schwarcz (2002), em *A longa viagem da biblioteca dos reis*, informa que entre todas as preciosidades abandonadas no porto de Lisboa, ficaram também os caixotes de livros e documentos da Real Biblioteca, os quais só depois de várias viagens chegaram ao Brasil onde foram reunidos em 1811.

O responsável pela transferência dos volumes riquíssimos e de importância bibliográfica que hoje podemos consultar na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, foi o bibliotecário Luís dos Santos Marrocos (1781-1838) que aportou aqui dois anos após a chegada do rei português.

Após inúmeros incidentes e a partir desse acervo, a Biblioteca Real foi inaugurada e aberta ao público em 1814. Foi mantida, durante décadas, praticamente esquecida em instalações inadequadas, primeiro no prédio do Hospital da Ordem Terceira, no Rio de Janeiro; depois transferida para o antigo prédio do cemitério da mesma ordem.

Quando, em 1822, o Brasil torna-se império independente de Portugal, a Biblioteca Real que aqui ficou foi negociada por 250 mil libras esterlinas. Um preço alto para a nação recém criada, mas na opinião de Schwarcz (2002) trazia *status* e credibilidade ao nascente império. Da-

Quando a Família real deixou Portugal em 1808, os caixotes de livros e documentos ficaram para trás, sendo reunidos, anos depois, em 1811

*Embarque da família
real para o Brasil*

Pintura de Nicolas
Delerive (1807)

va-lhe um lustro de cultura e civilidade, além de inserir-se no contexto de criação dos símbolos dos estados nacionais.

O fato é que começava aí, de maneira efetiva e concreta, a história de nosso percurso na organização de acervos de livros e de documentos e, na esteira desse processo, veremos surgir aqueles que procuraram estabelecer as bases e as diretrizes que constituíram a Biblioteconomia brasileira.



Os primeiros

“cuidadores de livros”

Os nossos primeiros bibliotecários, ainda na fase colonial, eram conhecidos como “guarda-livros” e sua função era a de zelar pelos exemplares das bibliotecas dos mosteiros jesuítas.

Assim, podemos considerar que os jesuítas que por aqui chegaram no século XVI foram os primeiros bibliotecários brasileiros. Dentre esses, conjectura-se que o precursor terá sido o padre Leonardo Nunes

(1490-1554) que deu início ao ensino de Latim, em 1550, no Colégio dos Meninos de Jesus, em São Vicente.

Em obra de amplo interesse sobre o tema, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil*, o padre Serafim Leite (1953) faz uma espécie de levantamento sobre “bibliotecários, encadernadores, tipógrafos e impressores” que atuavam na colônia. Na verdade, em muitos casos, tratava-se de responsáveis por bibliotecas de colégios da Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Em seu trabalho, o religioso registrou alguns dados biográficos de alguns desses precursores:

- Antonio Gonçalves (1550-1616) tinha origem portuguesa e ensinava Aritmética no Colégio da Bahia.
- Mateus Afonso (1660-1729), além de cuidar dos livros, era, também, encadernador no Colégio do Rio de Janeiro.
- Manuel Pires (1669-1757), bibliotecário do Colégio da Bahia.
- Manuel Torres (1725-1760) era responsável pela biblioteca e pelo refeitório do Colégio da Bahia.
- Manuel da Mota (1696-1760) foi mestre de meninos e encadernador do Colégio de Olinda.

Foram estes homens que se dedicaram não só a transmitir aquilo que sabiam, mas, também, a cuidar do instrumento que permitiria a transmissão do conhecimento: o livro.

Entretanto, como vimos, será a presença da Biblioteca Real que tornará urgente a necessidade de formação de bibliotecários e a abertura de um mercado de trabalho, ainda que incipiente.

Nos anos finais do Império, alguns fatores como o crescimento da economia cafeeira, a transformação no mundo do trabalho ocasionado pela Lei Áurea em 1888, a gradativa introdução da mão de obra dos imigrantes europeus, bem como a crescente urbanização de algumas cidades brasileiras provocaram profundas mudanças na educação e incentivaram a abertura de bibliotecas pelo país, como a da Faculdade de Direito em São Paulo, a Biblioteca Popular da Sociedade Germânica e a Biblioteca Municipal.

Retrato do Padre Antonio Vieira

(autoria desconhecida, séc. XVIII)



Prédio da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro foi inaugurado em 1910, exatamente 100 anos após a fundação da instituição.



Foto: Arquivo/Biblioteca Nacional



2

A Biblioteconomia no Brasil:

os precursores

Manter um rico acervo como aquele que recebemos de Portugal exigia uma atividade laboral baseada na consciência bibliográfica acerca do seu conteúdo. Na segunda metade do século XIX, devemos a três personalidades o cuidado dedicado àqueles volumes herdados da biblioteca real portuguesa: o frei beneditino Camilo de Monserrat (1818-1870), Ramiz Galvão (1846-1938) e Manoel Cícero (1866-1956).

Camilo de Monserrat foi responsável pela Biblioteca Nacional (BN) entre 1853 e 1870. Deve-se a ele a mudança para a rua do Passeio Público, onde se situa hoje a Escola Nacional de Música no Rio de Janeiro. Nesse ínterim, a biblioteca tinha um pequeno quadro de funcionários e abria das 9 às 14 horas.

A contribuição de Ramiz Galvão se deu, entre 1870 e 1882, na consolidação das bases que tornariam a BN uma instituição de grande porte. Ele conquistou a admiração de importantes figuras do cenário intelectual brasileiro, tal como Capistrano de Abreu (1853-1927). Era formado em Medicina e prestou concurso para o posto de substituto e, em seguida, após a morte de Frei Camilo, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional.

Assim, Ramiz Galvão revelou-se o homem certo no lugar certo. Foi designado para visitar a exposição universal de Viena para pesquisar sobre a organização e o funcionamento da Biblioteca Nacional de Paris e do Museu Britânico. Viajou ainda por países como Áustria e França.

Sua atuação era dinâmica, assumindo um direcionamento de acordo com as técnicas de organização e administração correntes na Europa. Ampliou o horário da Biblioteca, abrindo-a também à noite, das 18h às

*Frei Camilo de
Montserrat foi
responsável pela
Biblioteca Nacional
entre 1853 e 1870*

Ilustração: Modesto Brocos



A primeira iniciativa de Manoel Cícero foi reivindicar à BN um espaço físico proporcional à importância do acervo.

Ramiz Galvão viajou por diversos países da Europa para pesquisar sobre a organização e o funcionamento das maiores bibliotecas do mundo

Ilustração: Academia Nacional de Medicina



21h. Trabalhava com afinco, coordenando a classificação e a catalogação dos milhares de volumes, além da organização de exposições como uma sobre Camões e outra sobre História e Geografia do Brasil.

Seu grande feito está registrado no decreto nº 6141, de 4 de março de 1876, que estabelece parâmetros administrativos para o funcionamento da BN. Entre outros, aborda itens como: aquisição, tombamento, classificação, catalogação, conservação, assistência ao leitor e empréstimo para leitura domiciliária.

Também merece referência o programa de publicações, que se iniciou em 1873, com destaque para uma edição da Prosopopeia de Bento Teixeira (1876) e os Anais da Biblioteca Nacional.

No âmbito do funcionamento institucional, Ramiz Galvão foi o organizador pioneiro de concursos públicos para a seleção de novos bibliotecários, cujas provas se constituíam de questões sobre diversos assuntos como História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia, Classificação de manuscritos e traduções de várias línguas.

Seguindo os passos de Ramiz Galvão, coube ao terceiro responsável pela Biblioteca Nacional, o pernambucano Manoel Cícero, levar a instituição para a edificação onde hoje se encontra. Manoel Cícero dirigiu a instituição entre os anos de 1900 e 1924.

Após conduzir com eficiência a biblioteca da Faculdade de Direito de Recife, foi convidado por Eptácio Pessoa para assumir o cargo na Biblioteca Nacional. A primeira iniciativa de Cícero frente a BN foi reivindicar um espaço físico proporcional à importância do acervo. Assim, em 15 de agosto de 1905, a pedra fundamental do edifício foi lançada. Cinco anos depois, em 1910, foi inaugurado o prédio que abrigava mais de 300 mil livros, 270 mil documentos manuscritos, 117 mil estampas, 5 mil cartas geográficas e 28 mil peças numismáticas.

Além de ser responsável pelo prédio da Biblioteca Nacional, Manoel Cícero trouxe uma visão de biblioteca como espaço cultural para sua gestão. Ele passou a organizar as célebres Conferências da Biblioteca Nacional, que existem até os dias de hoje.

As inovações introduzidas na BN por Manoel Cícero

- A criação de prêmio de estímulo para pesquisas bibliográficas;
- A adoção da Classificação Decimal Universal, segundo as normas do Instituto Internacional de Bibliografia;
- A inserção do Brasil no Repertório Bibliográfico Universal, organizados por Paul Otlet e Henri La Fontaine;
- A catalogação cooperativa;
- A criação do Serviço de Bibliografia e Documentação.

Manuel Cícero ainda foi o responsável pela organização do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. O curso foi previsto na reforma de 1911 como parte do Decreto nº 8.835, que estabeleceu o Regulamento da Biblioteca Nacional.

O Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional

Tendo como modelo a *École Nationale des Chartres*, o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional configurava-se como um curso de nível superior; para frequentá-lo, era exigido dos pretendentes a conclusão de um curso de Humanidades e o exame de admissão.

*Mesa que presidiu
a solenidade da
inauguração do curso
de biblioteconomia, na
Biblioteca Nacional, em
1915*

Foto: Arquivo FESPSP



Com duração de um ano, apresentava um programa composto por disciplinas tais como: Bibliografia, Paleografia, Diplomática, Iconografia e Numismática. Havia ainda conteúdos técnicos de catalogação, classificação, organização e administração de bibliotecas.

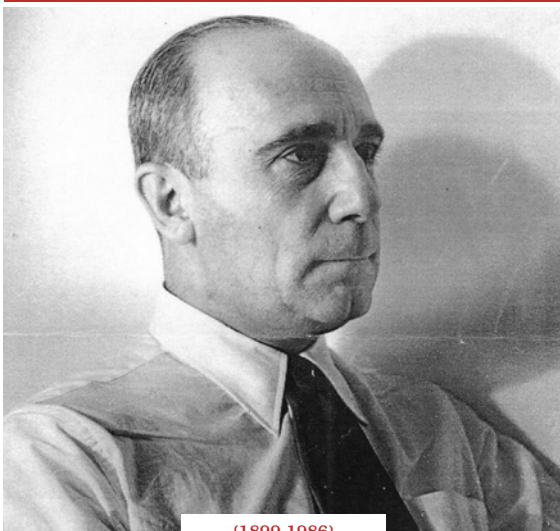
Criado em 1911, esse curso só foi implementado em 1915. Contudo, os recursos financeiros para que tivesse um funcionamento minimamente efetivo nunca chegaram à Biblioteca Nacional e, assim, foi encerrado em 6 de setembro de 1922, pelo Decreto nº 15.670.

O curso foi aberto novamente, em 1931, com um programa de dois anos de duração com mudanças curriculares. Apesar de não incorporar disciplinas tipicamente técnicas, o novo currículo introduziu outros saberes à formação dos bibliotecários como: História Literária e Cartografia. Apesar dessas mudanças, o curso da Biblioteca Nacional manteve seu perfil inicial alinhado à Ecole de Chartres.

Enquanto isso, em São Paulo, em 1922, realizava-se a Semana de Arte Moderna que teve como idealizadores grandes nomes da cultura nacional. Um deles foi Rubens Borba de Moraes (1899-1986) que logo depois daria início à outra vertente da Biblioteconomia brasileira: a Biblioteconomia paulista de inspiração modernista e norte-americana.

A divulgação e a adoção da metodologia da Biblioteconomia americana em São Paulo coube a ele e à Adelpha Figueiredo (1894-1966), que também disseminaram a linha para o restante do país.

Rubens Borba de Moraes



(1899-1986)

Nascido em 1899 em Araraquara, formou-se em Biblioteconomia nos Estados Unidos, tornando-se uma das figuras que atuaram na criação do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, além de ter participado da Semana de Arte Moderna, em 1922. Foi um dos fundadores do Curso de Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), além de ter sido diretor da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e da Biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Participou também da fundação da Associação Paulista de Bibliotecários (APB). Eminentemente bibliófilo, bibliógrafo, pesquisador e historiador, o seu acervo foi doado ao também bibliófilo, José Mindlin. Faleceu em 1986.

Fotos: Arquivo FESPSP

Adelpha Figueiredo



(1894-1966)

Nascida em 1894 em Sorocaba, foi uma das primeiras bibliotecárias do Brasil, formada pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Começou sua carreira no Instituto Presbiteriano Mackenzie, foi diretora da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade. Foi, também, uma das fundadoras da Escola de Biblioteconomia do Estado, onde formou a primeira turma de 1938. Ajudou a estabelecer técnicas para a classificação de material, registro de acervo, organização dos catálogos e inovação do livre acesso dos leitores. Integrou o grupo dos fundadores e primeiros professores do curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), junto com Rubens Borba de Moraes. Faleceu em 1966.

O ensino da Biblioteconomia em São Paulo

São Paulo transformou-se em um centro de propagação da Biblioteconomia no nosso país

Em 1929, o Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo, trouxe ao Brasil a bibliotecária americana Dorothy Muriel Geddes Group (1907-1995), com a tarefa de organizar um 'Curso Elementar de Biblioteconomia' para treinamento técnico dos funcionários de sua biblioteca que era coordenada por Adelpha Figueiredo, professora do colégio. O curso tinha também o objetivo de preparar a própria Adelpha que recebera uma bolsa da *American Association of University Women* para um curso na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, seguido de um estágio na *Brooklyn Public Library*.

Em 1935, Mário de Andrade assumia a direção do recém criado Departamento de Cultura da cidade de São Paulo e convidava para dirigir a Biblioteca Pública Municipal (a futura Mário de Andrade), o companheiro da Semana de 22, Rubens Borba de Moraes, o qual permaneceu no cargo até 1943.

Sob a liderança de Borba, o Departamento de Cultura organizou, em 17 de agosto de 1936, um curso de Biblioteconomia para treinamento dos funcionários da Biblioteca Municipal. Adelpha Figueiredo encerrava aí sua participação no Mackenzie e juntava-se ao projeto do curso do Departamento de Cultura, tornando-se professora junto com Rubens Borba.

Em 1939, por meio de uma bolsa concedida pela Fundação Rockefeller, Rubens Borba foi estudar Biblioteconomia nos Estados Unidos, onde também fez estágios na área. Acerca desse período, Borba registrou:

(...) fui para os Estados Unidos, onde fiz um curso de pouca duração, dado pela Associação de Bibliotecários Americanos aos diretores de bibliotecas da América Latina. Depois do curso fiz estágio em diversas bibliotecas e me demorei mais numa cidade que tinha mais ou menos o tamanho e o jeito da cidade de São Paulo, naquela época, Indianópolis. Lá eu demorei mais tempo. Fiz estágio em todos os departamentos da Biblioteca Pública, desde atender ao público, referência até catalogação; e aí então, abriram-se os meus olhos, porque eu estava habituado a um modelo europeu de biblioteca. Nos Estados Unidos vi outra coisa, não se podia comparar, eles estavam 50 anos adiantados em relação à Europa.

(MORAES apud SOUZA, 2009, p. 59)

Assim, com o apoio institucional e a divulgação promovida pelo Departamento de Cultura e pela Biblioteca Municipal, a cidade de São Paulo transformou-se no centro de propagação da Biblioteconomia no país.

O Curso de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo

A criação do curso de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo foi coordenada por Adelpha Figueiredo a convite de Borba de Moraes, chefe da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura, entre 1936 e 1938. Suas orientações eram:

- conduzir a reorganização técnica da Biblioteca Pública Municipal;
- planejar, para o Departamento de Cultura, um curso de Biblioteconomia nos moldes das escolas americanas.

A aula inaugural, destinada aos 157 discentes da primeira turma, foi realizada por Adelpha, que lecionou ainda as disciplinas básicas do curso, tais como: catalogação, classificação, referência e organização.

Em 1938, apesar do sucesso do novo curso, questões políticas suscitaram o corte de subsídios para sua manutenção. Entretanto, a sua continuidade pode ser assegurada pela Escola Livre de Sociologia e Política (núcleo original da FESPSP) que cedeu salas de aulas, recursos técnicos, além de abrigar os professores que ministravam as aulas. Assim, em fins daquele ano se formaram cerca de 70 profissionais aptos a percorrer o futuro da biblioteconomia nacional.

A Escola de Biblioteconomia de São Paulo

Em 1940, a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) assume definitivamente o curso de Biblioteconomia, começando aí uma história que determinou seu percurso e a sua relevância adquirida ao longo de oito décadas.

Nos seus primórdios, a atual Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação (FaBCI) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) oferecia apenas duas disciplinas distribuídas em um ano. Pouco depois, o curso se ampliou para seis disciplinas. Funcionava durante todo o dia, sendo a parte da manhã reservada às aulas teóricas e a tarde às disciplinas práticas.

Em 1943, por meio do prestígio de Rubens Borba de Moraes, a instituição angariou junto a Fundação Rockefeller um apoio financeiro que se estendeu até 1948. Nesse ínterim, o curso consolidou-se ainda mais por meio da concessão de bolsas de estudo à alunas e alunos de outras cidades e estados brasileiros, tais como Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Muitos desses estudantes fundaram, em suas regiões, escolas e

Fotos: Arquivo FESPSP



*Turma de 1940
da Escola de
Biblioteconomia de São
Paulo, atual Faculdade
de Biblioteconomia e
Ciência da Informação
da FESPSP*



*Laboratório de
datilografia na
então Escola Livre de
Sociologia e Política
(ELSP)*

Em fins da década de 1940 o curso de Biblioteconomia da FESPSP assume protagonismo na formação desse campo no Brasil

faculdades que se tornaram importantes instituições de disseminação do ensino em Biblioteconomia.

Ademais, os aportes financeiros da Fundação Rockefeller permitiram a ampliação do programa da Escola de Biblioteconomia de São Paulo, com a inclusão de novas disciplinas, que aproximaram o currículo do formato das *Library School's* americanas.

Em 1947, com o reconhecimento oficial da Escola de Sociologia e Política (ESP) como escola padrão, a Escola de Biblioteconomia ganhava uma relevância que seria ampliada ainda mais com a obrigatoriedade do diploma para o preenchimento de cargos de bibliotecário no estado de São Paulo.

Nas décadas seguintes, o papel formador da Escola de Biblioteconomia da FESPSP passa a ser reconhecido e o curso torna-se consagrado. Seus ex-alunos e docentes passam a ocupar os principais cargos diretivos e técnicos, não só no Estado de São Paulo, mas também em outros locais do país, organizando congressos e fundando os primeiros movimentos associativos da área por meio dos quais passam a liderar as ações que unificaram e profissionalizaram a biblioteconomia no Brasil.

A liderança do curso de Biblioteconomia da FESPSP vai se reafirmar nas décadas seguintes. Seu currículo será constantemente renovado e adaptado para corresponder às transformações da tecnologia e do trabalho ao longo da segunda metade do século XX. Daí umas das principais características da hoje denominada Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP: é, desde a sua criação, um laboratório de práticas biblioteconômicas, sintonizado com a contemporaneidade, consolidando uma transmissão de saber que valoriza a maturação da prática profissional.

Presente no currículo dos cursos desde o início, a disciplina de catalogação evoluiu junto com a profissão.



Curso intensivo de Biblioteconomia no verão de 1956.

Fotos: Arquivo FESPSP



Construindo

uma profissão

Desde que fora realizado o curso conduzido por Adelpha Figueiredo para a Prefeitura de São Paulo, entre 1936 e 1938, bem como quando o curso foi agregado pela FESPSP, houve várias reformulações do currículo, que procuravam sempre aperfeiçoar e ampliar o escopo do ensino da Biblioteconomia e da profissão de Bibliotecária e de Bibliotecário.

A título de comparação, o curso oferecido entre 1936 e 38 era composto pelas disciplinas de:

- Catalogação, ainda realizada em fichas de cartão, onde se anotavam as principais informações sobre a obra (autor, título, assunto, editora, data, edição, etc.);
- Classificação, que consistia em atribuir à obra um conjunto de números que a relacionavam a outra do mesmo assunto;
- Referência, disciplina que tratava de obras que eram sistematizações de temas específicos e a maneira apropriada de usá-las e citá-las;
- Organização, disciplina pioneira da área que hoje denominamos gestão. Tratava de questões de organização das obras, como armazenamento, até o gerenciamento do espaço, das equipes, o atendimento ao público e o oferecimento de produtos e serviços.

Em 1943, ocorreu uma relevante ampliação do currículo que incorporou a disciplina Organização e Administração de Bibliotecas, com claro objetivo de ir além do nível meramente técnico e formar quadros

Em 1961, o curso da FESPSP foi ampliado para três anos, antecipando-se ao currículo mínimo



**Reunião da
reestruturação do
currículo do curso
em 1962**

Da esquerda para a direita: Regina Carneiro, Noemia Leontino, José Spina, Zilda Taveira, Adelfa Figueiredo, Maria Luisa M. da Cunha (de óculos)

gestores que iriam mais tarde dirigir a Biblioteca Municipal Mário de Andrade. A influência da Biblioteconomia norte-americana revelou-se preponderante nesse período.

Na década de 1950, a FESPSP havia se transferido para a atual sede, na rua General Jardim, no centro de São Paulo. O curso agora tinha a du-



*Sede da FESPSP,
Patrimônio Histórico
de São Paulo, onde
as aulas do curso de
biblioteconomia eram
ministradas*

Foto: Arquivo FESPSP

ração de dois anos, com aulas práticas e teóricas. Nessa época, o quadro disciplinar foi uma vez mais ampliado:

- Organização e Administração de Bibliotecas, que é uma ampliação da antiga disciplina Organização, destacando-se o tópico de armazenamento (Organização);

- Catalogação;

- Classificação;

- Referência e Bibliografia: nesse momento acontece a separação dessas duas disciplinas que antes se abrigavam de maneira genérica sob a denominação de “Referência”. A partir desse momento, a disciplina de “Referência” passa a constituir-se como a maneira de citar as fontes de informação estudadas na disciplina de “Bibliografia” que passa a tratar do conjunto de compilações de obras sob vários aspectos (temático, geográfico, temporal, etc);

- Paleografia, que tratava do estudo dos manuscritos antigos sob a perspectiva de seus tipos caligráficos, seu suporte (pergaminho ou papel).

A virada decisiva deu-se na década seguinte, quando um currículo mínimo oficial foi construído e passou a ser obrigatório em todos os cursos de Biblioteconomia do Brasil. Como os cursos de graduação de Biblioteconomia tinham sido introduzidos nas universidades brasileiras nos últimos anos, em 1962, tornou-se premente o estabelecimento de um currículo mínimo para unificar a formação dos bibliotecários.

Assim, em 1961, o curso da FESPSP foi ampliado para três anos, antecipando-se ao currículo mínimo criado e que só seria divulgado em 1962. Essa reformulação implantou diversas disciplinas de cunho cultural no programa, tais como: Teoria da Literatura, História da Arte, Historiografia, História do Livro, Psicologia, Introdução às Ciências Sociais, Documentação e Paleografia. Outro aspecto relevante desse novo currículo foi a perspectiva reveladora de uma preocupação com a formação humanística e cultural do bibliotecário, o que antecipou em algumas décadas as discussões sobre o papel social, cultural e educativo do bibliotecário.

Currículo mínimo

é a designação de uma lista específica de matérias apresentadas segundo ementas, com conteúdos que devem fazer parte dos programas de formação profissional. Tais conteúdos são adaptados por curso, de acordo com as necessidades e possibilidades, originando as disciplinas que constituirão partes dos programas de ensino de cada escola, chamados currículo pleno.



3

A emergência de um
**mercado de
trabalho urbano**

Nos anos 1930, o Ministério da Educação do governo de Getúlio Vargas (1882-1954), sob a direção de Gustavo Capanema (1900-1923), daria um grande impulso ao desenvolvimento das bibliotecas. A criação de um Plano Nacional da Educação e a obrigatoriedade de um ensino básico gratuito levam ao incentivo da leitura e à criação dos primeiros programas para distribuição de livros, centralizados pelo Instituto Nacional do Livro, criado em 1937.

Tem início, neste período, o movimento conhecido como Escola Nova que contava com vários intelectuais e educadores, entre os quais Fernando Azevedo (1894-1974) que liderava o Manifesto da Escola Nova, publicado em março de 1932. Lourenço Filho (1897-1970), um dos signatários desse Manifesto, expressa o entendimento do movimento sobre a biblioteca:

“Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas idéias, felizmente, a vigorar entre nós”. (LOURENÇO FILHO, 1946, p. 4).

Em 1937 é votada uma lei pela Câmara Estadual regulamentando, em São Paulo, a carreira de bibliotecário, criando um Conselho Bibliotecário do Estado e um Catálogo Coletivo das bibliotecas paulistas.

O reconhecimento da prática profissional biblioteconômica como profissão de cunho liberal, obtido com o registro junto ao Ministério do Trabalho, em 1958, foi outro fator importante no sentido da regulamentação da profissão que seria conquistada quatro anos depois.

A regulamentação da profissão: o papel das bibliotecárias

Laura Russo e

Lydia Sambaquy

Vários profissionais e instituições contribuíram para a criação da lei 4.084 a qual regulamentou a profissão de bibliotecária e bibliotecário em 1962, entre os quais o Instituto Nacional do Livro, criado em 1937; e a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), fundada em 1959. Outras entidades que foram fundadas na esteira desse movimento, como a Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), o Conselho Federal e os conselhos regionais, ajudaram a fortalecer a categoria e consolidar a sua regulamentação.

Além das instituições, duas personalidades fortes da biblioteconomia brasileira tiveram atuação decisiva para que a profissão tivesse reconhecimento e espaço social: Lydia Sambaquy (1913-2006) e Laura Russo (1915-2001).

No âmbito do serviço público, foi criado, em 1938, no Rio de Janeiro, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) cuja biblioteca, chefiada por Lydia Sambaquy, foi uma das mais importantes instituições de coleta, tratamento e disseminação de informação técnico-científica que já existiram no Brasil. À frente dessa biblioteca, Lydia

Laura Russo



(1915-2001)

Estudou na segunda turma de Biblioteconomia da FESPSP, formando-se em 1942. Exerceu funções na Santa Casa de Misericórdia, na Academia Paulista de Letras e foi diretora da Biblioteca Mário de Andrade de 1965 a 1968. Foi a primeira presidente da FEBAB, entre 1961 e 1974, editora do Boletim Informativo e da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBDD), ambos da FEBAB. Fez o curso de Biblioteconomia Superior na Biblioteca Nacional de Madrid entre 1957 e 1958 e cursou, também, *Social Science Resend and Training, Administration of Social Science Libraries* nos EUA em 1964 e 1965, bem como o *Library Science* em 1964. Recebeu inúmeros títulos honoríficos pelo seu trabalho na Biblioteconomia. Faleceu em 2001.

Fotos: Arquivo FESPSP

Lydia Sambaquy



(1913-2006)

Nasceu em 1913, no Pará, durante a estadia de seu pai, que era médico, no Estado. Sua família era de origem cearense e mudou-se depois para o Rio de Janeiro, onde Lydia chegou a estudar matemática e engenharia. Ela participou dos treinamentos oferecidos na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e depois se matriculou no curso da Biblioteca Nacional (BN), formando-se em 1941. Mais tarde, Lydia foi a mentora e presidente do antigo IBBD, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Ela é responsável pela elaboração de todo esboço dessa instituição. Lydia também foi delegada do Conselho CFB. Ela faleceu em 2006, no Rio de Janeiro, onde morava.

*Junto com
Rubens Borba de
Moraes e Adelpha
Figueiredo,
Laura Russo
forma a tríade
fundadora da
Biblioteconomia
brasileira*

Sambaquy foi responsável por iniciativas fundamentais para a consolidação de um campo de trabalho para a Biblioteconomia.

Em 1939, ela passou a colaborar na *Revista do Serviço Público* com o ensaio: *O que é a biblioteca moderna*. Um aspecto interessante que definiu a dinâmica estabelecida pela Biblioteca do DASP foi a publicação da separata *Esquema da Organização da Biblioteca do DASP*, que conquistou o respeito da comunidade bibliotecária.

Não obstante, o evento que definiu todo o trabalho realizado posteriormente foi a criação do curso preparatório para bibliotecários que o DASP acolheu, em 1940. O curso era disponibilizado para funcionários públicos aprovados, permitindo que conseguissem promoção como bibliotecários. Tinha um perfil didático e moderno, e sua influência chegou mesmo a fazer com que a BN reformulasse o seu curso. Sua abrangência dava preponderância ao aspecto organizacional e administrativo de bibliotecas, catalogação e classificação de acervos. É nesse contexto que, em 1942, Lydia cria o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), instituição pioneira que visava constituir uma rede cooperativa de bibliotecas para a catalogação de livros.

No mesmo ano, Sambaquy recebeu uma bolsa de estudos da *School of Library Service da Columbia University*, nos Estados Unidos. No regresso, pronunciou uma conferência na Biblioteca Municipal de São Paulo intitulada *Como a biblioteca pode e deve servir ao Brasil*.

Dessa conferência valem duas passagens que enriquecem a compreensão da profissão:

“Poderemos fazer de nossas bibliotecas perfeitos laboratórios de pesquisa e estudo; poderemos fazer de nossas bibliotecas valiosos centros de informação e de orientação profissional; poderemos fazer de nossas bibliotecas ricos e eficientes serviços de documentação; poderemos fazer de nossas bibliotecas preciosos centros de recreação intelectual e, ainda, poderemos fazer de nossas bibliotecas ativas, de valor inestimável para a evolução da cultura e da educação em nosso país”.

“Considerando-se o imenso campo em que a biblioteca pode agir, se nos lembrarmos de sua influência nas escolas, nas universidades, nos meios rurais e urbanos, nas fábricas, nas repartições públicas e nas instituições as mais diversas, pode-se ter uma ideia do quanto ela é capaz de trabalhar para que cada um receba a melhor instrução sobre o que deve fazer, no que se refere à parte que lhe toca no movimento de mobilização econômica”.

Junto com Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo, Laura Russo forma a tríade fundadora da Biblioteconomia brasileira. Laura Russo desempenhou uma atividade intensa nas políticas biblioteconômicas, visando o reconhecimento profissional da categoria, apoiando a criação e a aprovação de legislação, regulamentos e normas técnicas. Defendeu a participação dos bibliotecários nos movimentos associativos, fazendo valer seus direitos políticos, assim liderou a luta pela regulamentação da profissão e as consequentes ações pela criação de conselhos que zelariam pela implementação da lei.

Nesse contexto, em 1962, Laura Russo foi eleita a primeira presidente do recém criado Conselho Federal de Biblioteconomia. No ano seguinte, começam a ser instalados Conselhos regionais pelo país.

A primeira deliberação do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) foi a criação de uma ficha de identidade profissional para cadastramento dos bibliotecários brasileiros. Seguiram-se resoluções como o anteprojeto do Regimento Interno do CFB e o primeiro Código de Ética do Bibliotecário do Brasil.

Dois anos depois, Laura Russo deu início a uma série de viagens para inspecionar os Conselhos Regionais instalados no país. A partir de 1968, os Conselhos Federais e Regionais começaram a fiscalizar a indicação de chefes de bibliotecas e centros de documentação em todo o país, exigindo que tais cargos fossem ocupados por bacharéis em Biblioteconomia, o que teve como resultado uma expansão considerável da oferta de cursos de graduação na área, bem como a formulação do primeiro currículo mínimo.



O mercado

de trabalho atual do bibliotecário

A biblioteca atual não é apenas um edifício ou um acervo de livros. É um conjunto de recursos bibliográficos, tecnológicos, humanos e arquitetônicos integrados com o propósito de possibilitar aos usuários a localização e o uso das informações que necessitam. É um espaço multiuso que pode fornecer recursos para a leitura, tanto para o desenvolvimento acadêmico e/ou profissional, quanto para o prazer pessoal. Pode ser um espaço social, um espaço experimental, bem como um espaço de sociabilidade. Cada vez mais as comunidades usam os espaços físicos das bibliotecas para encontros presenciais com escritores, cientistas, artistas, bem como para a realização de atividades manuais, multimídia ou como espaço para a realização de eventos tais como seminários e palestras.

Os avanços tecnológicos que caracterizaram o final do século vinte transformaram a biblioteca e a profissão do bibliotecário

Foto: gorodenkoff



É cada vez mais comum que as bibliotecas ofereçam um “maker space” onde as pessoas podem utilizar equipamentos para criar os mais diferentes objetos

Desse modo, é inegável que os avanços tecnológicos que caracterizaram o final do século vinte tiveram grande impacto sobre as bibliotecas e o trabalho dos bibliotecários.

No que se refere às atividades dos bibliotecários, quase todas foram transformadas pelo uso da tecnologia. Serviços que fundamentam a profissão como catalogação, por exemplo, e que se constituem em atividade básica em qualquer tipo de unidade de informação para a organização e a transferência do conhecimento, são hoje desenvolvidos com o auxílio da informática.

Assim, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) proporcionaram o recurso para a construção de catálogos eletrônicos, que podem ser acessados por meio de aplicativos ou redes *on-line*, colocando as coleções das bibliotecas ao alcance de todos.

Essa presença maciça dos aparatos tecnológicos, mais do que reestruturar o fazer bibliotecário, introduziu também uma nova perspectiva à profissão, trazendo-a para o campo da Ciência da Informação e

Iniciativas como rodas de leituras, grupos de discussão, formação e requalificação profissional fazem parte do dia a dia das bibliotecas sociais



Foto: Weedezign

orientando-a ao conceito de informação para o desenvolvimento da sociedade, com atenção às unidades de informação especializadas, como centros de documentação, bibliotecas, serviços de informação especializados, e, entre outros, o chamado mercado de tendências.

Paralelo a isto, as crises políticas e econômicas dos últimos anos tornaram as bibliotecas elementos importantes nas intervenções de promoção da leitura, de requalificação profissional, integração e coesão sociais, chegando hoje a se falar em “bibliotecas sociais”, para se referir àquelas que têm uma atuação mais intensa em serviços que buscam compensar os desequilíbrios sociais derivados das crises globais.

Ademais, nas bibliotecas escolares, o impacto e a influência dos bibliotecários experientes na cultura escolar são imediatamente evidentes nas coleções e nos serviços que eles fornecem.

A Biblioteconomia na atualidade, portanto, tem o grande desafio de formar profissionais que possam responder às demandas do século XXI e por isso a informática e as competências de gestão passaram a ocupar parte substancial do currículo.

Desse modo, os bibliotecários hoje em dia fazem mais do que organizar e localizar dados. Por meio da tecnologia, os profissionais da área avaliam, analisam, organizam e apresentam a informação de maneira que tenha a máxima utilidade ao seu destinatário. As bibliotecas e centros de informação já não se dedicam apenas a armazenar e fornecer informações, mas também criam dados e produtos informacionais específicos, na medida das necessidades de seus usuários. Por exemplo, elaboram relatórios para a tomada de decisão da própria empresa, dossiês e bases de dados que facilitam a recuperação da informação.

Assim, o mercado de trabalho do bibliotecário, na atualidade, apresenta várias possibilidades relacionadas ao armazenamento, processamento, recuperação e comunicação da informação em formatos e suportes variados.

Uma bibliotecária ou um bibliotecário processa dados de diferentes naturezas e preserva informações, simplificando os processos e demo-

Os três diferentes tipos de atuação do bibliotecário

Mercado informacional

aquele que atua em bibliotecas públicas, universitárias, escolares, desenvolvendo atividades de organização, busca e recuperação de informação para o seu usuário.

Mercado informacional de tendências

aquele que atua em centros de informação ou documentação de empresas, bancos, bases de dados, sites de conteúdos virtuais.

Mercado existente e não ocupado

aquele que atua em editoras, empresas privadas, provedores de internet, livrarias, startups.

Bibliotecários podem trabalhar com arquitetura de informação, serviços de buscas, gerenciamento de banco de dados e muitas outras atividades na área de Tecnologia da Informação.



Foto: Sanja Radin

cratizando o acesso ao conhecimento por meio do Mercado informacional, Mercado informacional de tendências e do Mercado existente e não ocupado:

- **Mercado informacional** – aquele que atua em bibliotecas públicas, universitárias, escolares, infanto juvenis, centros culturais, arquivos e museus, desenvolvendo atividades de organização, busca e recuperação de informação para o seu usuário;
- **Mercado informacional de tendências** – aquele que atua em centros de informação ou documentação de empresas, bancos, bases de dados, sites de conteúdos virtuais com forte apoio e uso de tecnologias de informação já estabilizadas ou emergentes;
- **Mercado existente e não ocupado** – aquele que atua em editoras, empresas privadas, provedores de internet, livrarias, *startups*.

No âmbito desses vários mercados, o bibliotecário pode atuar em diversas atividades profissionais, tais como: serviços de buscas de informação, desenho e alimentação de banco de dados, arquitetura de informação, facilitação da experiência para o usuário e curadoria digital, gestão de portais de conteúdo (internet) e portais de acesso (intranet).

Os profissionais de Biblioteconomia também estão aptos a ocupar postos de gestão e gerência de informações e acervos em associações, museus, organizações não-governamentais, provedores de internet, órgãos públicos ou privados que trabalhem com grande quantidade de informação e/ou que exigem pesquisa e organização de documentos.

Outra vertente profissional que ganha cada vez mais importância é a atividade de mediação à leitura e à informação e a transformação das bibliotecas em espaços de produção de informação e de conhecimento.

O desenho de ações de promoção de leitura e de formação de leitores requer um alto grau de cultura e criatividade na formulação de intervenções capazes de motivar o interesse pelas obras, de acordo com as características dos distintos tipos de destinatários.

A ocupação das bibliotecas por parte de suas comunidades exige dos bibliotecários o desenvolvimento de habilidades relacionadas à colaboração, cooperação e compreensão de pessoas, que os capacitem a promover a igualdade de oportunidades no acesso à informação.

Bibliotecários ocupam um espaço importante na gestão de informações e acervos de museus. Na foto, a sala das Copas do Mundo no Museu do Futebol em São Paulo.

Foto: Ronaldo Franco





Bibliotecas podem estar em qualquer lugar

Bibliotecas não estão mais limitadas a uma estrutura física. Nos dias de hoje, as bibliotecas oferecem serviços digitais e em outros formatos fora do convencional, como bibliotecas móveis e pop-up bibliotecas.



Criando conteúdo local

As bibliotecas agora estão registrando e preservando as memórias da comunidade para gerações futuras. As bibliotecas públicas costumavam levar o mundo à comunidade, mas atualmente a biblioteca leva a comunidade ao mundo.



Espaço para criadores

Algumas bibliotecas oferecem espaços criativos onde as pessoas podem encontrar recursos e ferramentas relacionados a qualquer atividade e interesse para criar praticamente qualquer coisa que elas sonharem!



Espaço de encontro familiar

Bibliotecas podem oferecer programas e serviços para toda a família, como a “hora do conto” para crianças, grupo de estudos, clube do livro para adultos e atividades para a terceira idade.



Biblioteca de empréstimos

Bibliotecas colecionam, preservam e conectam pessoas a todo o tipo de recursos. Isso vai além de coleções de livros, música e filmes, para qualquer coisa que a comunidade queira compartilhar, como ferramentas de construção e utensílios de cozinha.



Conectando a comunidade

Bibliotecas podem conectar os recursos e habilidades de uma comunidade em benefício de todos. Por exemplo, trabalhar com assistentes sociais que auxiliam a população desabrigada ou com educadores criando programas de alfabetização.



Incubadora econômica

Bibliotecas também podem ser centros do desenvolvimento econômico e profissional, oferecendo materiais, programas e serviços que apoiam o desenvolvimento de profissionais e pequenos negócios.



A nuvem

Bibliotecas estão se adaptando às novas necessidades das pessoas que surgiram junto com os dispositivos móveis, como coleções digitais de livros eletrônicos, música, documentos históricos, cartas, fotos e mais.



Centro de aprendizagem

Bibliotecas devem apoiar o aprendizado durante toda a vida das pessoas. Elas podem oferecer aulas, assistência pessoal e cursos online relacionados a conhecimentos práticos do dia a dia, cultura geral e formação profissional.



Inovações futuras

Bibliotecas continuam a evoluir e responder às demandas exclusivas de suas comunidades. Como sua biblioteca local está se adaptando às mudanças necessárias e expectativas de seus integrantes?

Raio-x

do mercado da
biblioteconomia
no Brasil

Carga Horária

30 a 44 HORAS SEMANAIS

Segmentos que mais contratam bibliotecários



1. EDUCAÇÃO SUPERIOR



2. ENSINO INFANTIL,
FUNDAMENTAL E MÉDIO



3. DESENVOLVIMENTO DE
PROGRAMAS DE COMPUTADOR
E SOFTWARE



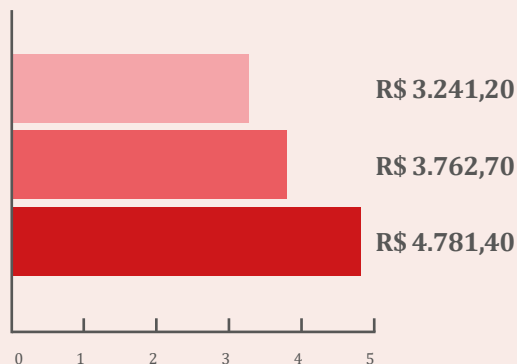
4. ASSOCIAÇÕES DE DEFESA
DE DIREITOS SOCIAIS



5. TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO

Média salarial

JÚNIOR: ■ PLENO: ■ SENIOR: ■



**Piso salarial
de Bibliotecário
no Brasil**

R\$ 3.044,00

**No setor público a carga horária média é de 36 horas
semanais e o salário de R\$2.692,60**

Segmentos com salários mais altos



1. DESENVOLVIMENTO E LICENCIAMENTO DE PROGRAMAS DE COMPUTADOR



2. TRATAMENTO DE DADOS, PROVEDORES DE SERVIÇOS DE APLICAÇÃO E HOSPEDAGEM NA INTERNET



3. ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÕES LIGADAS À CULTURA E À ARTE



4. SERVIÇOS ADVOCATÍCIOS



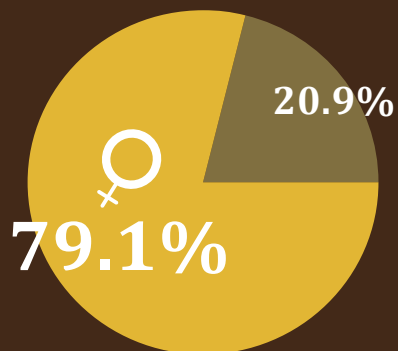
5. SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO E APOIO ADMINISTRATIVO



A cidade que mais contrata bibliotecários no Brasil é São Paulo (SP)!

Presença feminina na profissão

MULHER: ■ HOMEM: ■



Perfil profissional mais comum

MULHER DE 29 ANOS, COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO, QUE TRABALHA 44H SEMANAIS EM EMPRESAS DO SEGMENTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR.



*Fonte: CAGED do MTE e pesquisa do Salario.com.br



5

A bibliotecária e o bibliotecário
em ação

O ambiente de trabalho das bibliotecárias e bibliotecários passou, nos últimos tempos, por transformações profundas e aceleradas. Alicerçadas pelas TICs, essas mudanças resultaram em inovações que alteraram em definitivo o meio e a forma de atuação desses profissionais que cada vez mais se voltam aos saberes relacionados à tecnologia.

Assim, atualmente, o trabalho com a informação e com o conhecimento deve ser realizado pelos bibliotecários e pelas bibliotecárias por meio de uma abordagem interdisciplinar e, em muitos casos, transdisciplinar e heterogênea.

Nesse contexto, a biblioteconomia não mais se aplica apenas às relações comuns entre determinadas disciplinas do conhecimento, em suas interações ou reciprocidades, mas prevê e compreende suas relações no contexto de uma cooperação inserida em um sistema mais amplo e multidisciplinar.

No cenário informacional atual, o fazer desse profissional não está mais condicionado à fragmentação do conhecimento ou ao tecnicismo formal. Ao contrário disso, busca efetivar conexões de disciplinas humanísticas com tecnológicas, e aproximando saberes que orientem o processo de tomada de decisão a partir do acesso, organização, disponibilização e análise da informação.

A seguir, a apresentação do perfil e atuação de bibliotecárias e bibliotecários formados pela FESPSP, objetiva demonstrar a ação de profissionais da informação que aliam conhecimento humanístico, teórico e prático num ambiente de trabalho plural, onde as tarefas operacionais básicas se relacionam com constantes inovações tecnológicas.

O profissional encontra novas formas de atuação e novos saberes para se apropriar, oportunizados pela evolução da Biblioteconomia

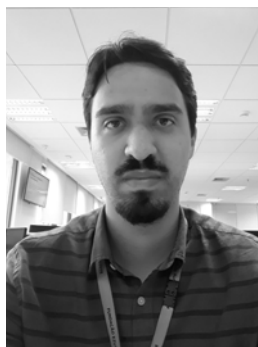


Foto: Arquivo FESPSP

Felipe Alexandrino

Felipe Alexandrino, nasceu em São Paulo em 1986. Na juventude, como frequentador da biblioteca circulante Mário de Andrade, teve notícias do curso de Biblioteconomia da FESPSP. Nessa instituição, ingressou na graduação em 2002 e formou-se bibliotecário em 2010. Adiante, em 2017 cursou MBA em Bens Culturais na Fundação Getúlio Vargas, onde também estudou Economia Criativa.

“O que mais gostei no curso da FESPSP foi a diversidade, pois abre um leque muito grande de oportunidades. Quando comecei o estágio, fui conhecendo o que o mercado oferecia dentro da área e via o quanto era interessante. Ao longo do curso fui descobrindo que poderia atuar na área de arquivos jurídicos, com pesquisa e em outras diversas vertentes”.

Depois que entrei na FESPSP, por conta da diversidade das disciplinas, das exigências que cada aula trazia, fui estudar e ler mais, entrei um adolescente com inspiração para muita coisa e saí um profissional, com uma postura mais voltada para o mercado de trabalho”.

“A FESPSP foi um primeiro pilar, por ela ter um nome forte no mercado, por ser uma escola tradicional que teve notáveis que estudaram no passado. O aluno sai amparado, com uma boa formação”.

Uma vez diplomado em Biblioteconomia e Ciência Informação, Felipe não encontrou dificuldades para inserir-se no mercado de trabalho; sua trajetória profissional na área é, pois, exemplar para a compreensão da atuação do bibliotecário no atual cenário da profissão: Iniciou a carreira estagiando no Centro de Documentação da TV Cultura, catalogando e indexando material audiovisual, bem como participando do planejamento de programas da emissora. Após o término do estágio, ingressou no jornal Folha de S. Paulo, onde trabalhou durante três anos em atividades de manejo de banco de dados, documentação e no projeto de digitalização dos 90 anos da empresa. Em seguida, foi contratado pelo Sebrae onde atuou por seis anos como Analista de Negócios; como profissional registrado no Conselho Regional de Biblioteconomia pôde trabalhar no acervo da instituição, bem como atuar na programação de eventos.

Atualmente trabalha na **Fundação Ezute**, uma entidade privada sem fins lucrativos que atua há 20 anos apoiando órgãos governamentais na melhoria da sua produtividade, por meio de soluções tecnológicas e de gestão. Sua atuação consiste no apoio aos governos que buscam melhorar seus serviços e que visam trazer maiores benefícios para a população.

Nessa instituição, Felipe é *Analista Comercial Sênior*, focado em prospecção e análise de negócios e por meio de sua atuação faz levantamento de dados, informações, contata clientes que podem ser potenciais parceiros para captar projetos. Assim, atua na área de *Business Intelligence*, de negócios e de mercado, trabalhando com ferramentas de Gestão de Relacionamento com o Cliente (CRM), *Salesforce*, Plataformas de Dados que fazem levantamento de conteúdos.

“Por ser bibliotecário, me facilita na parte de pesquisa, no uso de ferramentas que me permitem ir até o cliente; buscar algum parceiro potencial, assim, consigo levantar informações, criando um portfólio e entendendo o contexto, lendo as últimas notícias, de modo que me coloque favorável à negociação.”

A biblioteconomia segundo o bibliotecário Felipe Alexandrino

O que é biblioteconomia? “A biblioteconomia tem uma missão que é muito importante, que é justamente ter cuidado com o conhecimento, mostrando os caminhos e conduzindo as informações para a tomada de decisão.

O que é ser bibliotecário? “É uma profissão nobre que está presente na história e que requer atualização constante. Ser bibliotecário é estar disposto a escutar, a pesquisar. A premissa para ser bibliotecário é ser uma pessoa atenta, disposta a conhecer coisas novas, não ter preconceitos para a formação de repertório, de cultura. O bibliotecário tem que ser apoiador daqueles que estão procurando conhecer.

O que faz o bibliotecário? “Ele pode atuar em diversas frentes, mas a primordial é ser mediador, não só daqueles que o procuram, tem que ser uma figura atuante, tem que se posicionar dentro da instituição que trabalha. Algo muito importante e diferente da faceta tradicional na formação é a atitude empreendedora, a questão comportamental. O estereótipo do bibliotecário não mais deve ser o da pessoa passiva, frágil ou mal humorada; hoje, o profissional da área deve se colocar como figura atuante que lida com o *core business* e com o coração da instituição, pois hoje as empresas, para agregar valor, não precisam apenas de um produto, mas de prestação de serviço. O diferencial é o conhecimento que a empresa produz e que a coloca em outro patamar, se o bibliotecário adquirir essa noção ele se destaca”.

Foto: Arquivo FESPSP



Liliana Giusti Serra

Liliana Giusti Serra, nasceu em São Paulo em 1971. Incentivada pela mãe, ingressou no curso de Biblioteconomia da FESPSP aos 17 anos. Durante o curso da graduação, atuou como estagiária na biblioteca de uma grande universidade em São Paulo, onde adquiriu diversos conhecimentos em catalogação. Ao final do curso, desenvolveu em grupo, o trabalho de conclusão de curso intitulado *A documentação histórica da época da ditadura*, analisando e organizando a documentação do Grupo Tortura Nunca Mais, formado principalmente por recortes de jornais e revistas e fotografias.

“Contraponto entre a minha formação e a de hoje, há uma mudança de perfil muito positiva, pois estamos tendo renovação com qualidade, trabalhando em vários segmentos. Já existe uma mudança do perfil, vejo em São Paulo, nas próprias instalações da FESPSP que mudaram: a biblioteca, o laboratório”.

“Esta volta à FESPSP foi muito positiva, pois proporcionou um salto muito positivo, além de ampliar minha rede de relacionamentos, foi decisivo para minha ida ao mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo”.

Em 2007 voltou para a academia, soube do curso de pós-graduação da FESPSP, em Gerência de Sistemas e Serviços de Informação e se surpreendeu. Ela foi com o intuito de manter a empregabilidade e a pós-graduação a motivou a voltar a estudar formalmente.

Em 2014, um ano antes de terminar o mestrado, publicou o livro *Livros digitais e bibliotecas*, pela editora da Fundação Getúlio Vargas.

Em seguida iniciou seu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, na linha de pesquisa em Tecnologia e Informação, onde desenvolveu projeto sobre o livro digital na relação com a web, bibliotecas e editores.

Durante o doutorado esteve nos Estados Unidos, na University of Illinois at Urbana-Champaign, esteve como pesquisadora visitante em tecnologias da Web Semântica (Linked Data, Linked Open Data, Enterprise Linked Data e Knowledge Graph) e o estado da arte sobre a inclusão e o uso de *e-books* licenciados em coleções de bibliotecas acadêmicas.

A trajetória profissional de Liliana percorreu as mais diversas áreas em que a bibliotecária pode atuar. Entre 1989 e 2001, atuou, desde auxiliar de biblioteca até responsável técnica de acervos em instituições como Fundação Memorial da América Latina, Universidade Bandeirante de São Paulo e; Colégio e Faculdade Brasília de São Paulo.

Entre 2001 e 2005 conheceu uma nova faceta da profissão quando foi contratada pelo tradicional escritório Pinheiro Neto Advogados. Nessa instituição pôde trabalhar com o acervo e pesquisa de informação e documentação jurídica, bem como implantar um sistema de Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED)

Entre 2005 e 2010, assumiu a coordenação das bibliotecas do Instituto Moreira Salles, sendo responsável pela organização e gestão de bibliotecas pessoais de renomados escritores e artistas como Lygia Fagundes Telles, Raquel de Queiroz, Décio de Almeida Prado, Érico Veríssimo, Paulo Autran, José Ramos Tinhorão etc. Coordenou equipes em diferentes estados brasileiros, realizando a unificação de 30 bases em projeto conjunto com a Bireme, adaptando a Metodologia LILACS ao ambiente cultural.

Desde 2010, trabalha na SophiA Biblioteca atuando no desenvolvimento de softwares para gerenciamento de acervos para bibliotecas (escolares, universitárias, públicas, jurídicas, saúde ou empresariais) e gestão de acervos não-bibliográficos (museus, arquivos, iconografia etc.). Sua atuação consiste no auxílio ao desenvolvimento do sistema, especificações de funcionalidades, aderência aos padrões internacionais utilizados na Ciência da Informação, estudo de novas tendências na área, além do relacionamento com clientes (CRM).

A biblioteconomia segundo a bibliotecária Liliana Giusti Serra

O que é Biblioteconomia? “É uma área que exige uma constante postura de atualização profissional, pois diversos aspectos da Ciência da Informação estão em transformação, tais como catalogação, automação, uso do espaço da biblioteca, comunicação e serviços aos usuários, conteúdo digital etc.”

O que é ser bibliotecário? “É um grande desafio, porque lidamos com um grande número de informações dispersas, discernindo o que é ético, verdadeiro ou legal. São muitas informações produzidas, e o profissional precisa ter capacidade de organizar e localizar as fontes apropriadas. O senso comum acha que esse papel é da tecnologia, mas ela é ferramenta. Assim, o cientista da informação não tem que ser um expert em tecnologia, não tem que saber programação, tem que ter visão sobre seleção de fontes. A tecnologia tem que ser vista como uma ferramenta meio e não como fim.”



Foto: Arquivo FESPSP

Regina dos Anjos Fazioli

Regina dos Anjos Fazioli, nasceu em 1956 na cidade paulista de São Caetano do Sul. Formou-se em Biblioteconomia na FESPSP em 1977. O mais representativo de sua passagem pela FESPSP foi o despertar de conhecimento por meio do aprofundamento de matérias da área de humanidades.

Após a graduação, cursou especialização na FESPSP em Gerência de Sistemas e Serviços de Informação, entrando, em seguida, no mestrado em Formação Tecnológica do Centro Paula Souza (CEETEPS), na linha de Gestão e Desenvolvimento da Formação. Em 2007, Regina recebeu o prêmio Laura Russo de Inovação e Criatividade do Conselho Regional de Biblioteconomia da 8ª Região de São Paulo, bem como foi homenageada, em 2010, no I Seminário de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

“Sempre gostei muito de estudar, de pesquisar, inclusive quando criança desmontava relógio e outros equipamentos caseiros e os montava em seguida com tudo funcionando, sempre fui muito curiosa, querendo investigar como são as coisas, e me identifiquei exatamente com a Biblioteconomia por essas características, por estudar de tudo um pouco, a generalidade que sempre procurei e achar motivadora, sem contar as questões sociais envolvidas”.

A trajetória profissional de Regina iniciou em 1979 na PRODESP, onde atuou até 1987. Nessa instituição, trabalhava na biblioteca e fazia serviços e atividades de bibliotecária.

Anteriormente, no tempo de estágio trabalhou em três unidades dentro da USP, iniciou com a biblioteca do **Colégio Equipe**, depois foi montar a biblioteca da **Associação Brasileira de Celulose e Papel**, sendo a primeira bibliotecária dessa instituição.

Depois de uma temporada exercendo diversas atividades de consultoria na área, passou em concurso na USP, na biblioteca da Veterinária e de lá foi montar a **Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo**, onde atua desde 1997 e hoje é coordenadora.

Entre suas últimas atividades e inovações está a inclusão da Biblioteca Virtual no Sistema de Ouvidorias do Governo do Estado, possibilitando ao cadastrar a demanda, incluir um protocolo ao cidadão para sua solicitação, permitindo melhor acompanhamento da manifestação, caracterizando avanço no acesso à informação pela população.

“A FESPSP foi o pontapé inicial para conseguir me descobrir e descobrir a profissão. Qualquer faculdade, qualquer profissão que você abraça realmente não consegue, por mais que queira, passar todas as ferramentas, ela dá o pontapé inicial e as ferramentas iniciais para você depois se desenvolver.”

A biblioteconomia segundo a bibliotecária Regina dos Anjos Fazioli

O que é biblioteconomia? “É uma ciência que auxilia na organização do conhecimento; na captação, organização e divulgação para quem dele precisa.”

O que é ser bibliotecário? “É servir o outro, é levar conhecimento para quem dele precisa. Às vezes a pessoa não sabe de que informação precisa, é descobrir essa informação, essa necessidade. Existem muitas bibliotecas comunitárias que fazem diferença no local, no espaço e na comunidade que elas estão, a intenção da biblioteca virtual é levar um pouco dessa diferença de informação para quem precise, essa missão social que alguns bibliotecários acabam esquecendo é a parte mais importante da área, é modificar cabeças, vidas até por conta de uma informação que se leva para as pessoas”.

O que faz o bibliotecário? “Leva informação tratada para quem dela precisa. O bibliotecário organiza o conhecimento para conseguir transformar a vida das pessoas. A biblioteconomia social, não necessariamente apenas para quem trabalha em serviço público, modifica vidas, leva conhecimento, transforma pessoas. Isso é uma das questões mais importantes que deve ser transmitida para a formação dos novos profissionais da área.”



Foto: Artem Peretiako

6

O curso
de Biblioteconomia e Ciência
da Informação da FESPSP

O processo de ensino-aprendizagem dos cursos da FESPSP se assenta nos valores do humanismo, bem como na busca de soluções para os problemas do Estado e do desenvolvimento no Brasil por meio da aplicação das ciências sociais, sobretudo no ambiente urbano.

Esses valores se conectam a contínuas atualizações de conteúdos e avanços científicos, incorporando saberes das ciências sociais e das ciências da informação que proporcionam soluções inovadoras para a resolução de problemas sociais, para o desenvolvimento e aprimoramento de novas formas de ensinar e aprender.

Pilares de ensino

Garantir ampla formação teórica e prática a partir do pensamento clássico, moderno e contemporâneo, com o objetivo de estimular a disseminação dos valores civilizatórios da liberdade, da igualdade, da solidariedade, da justiça e da tolerância, hoje consagrados no ideário universal. Respeitar a realidade brasileira, contribuindo para o desenvolvimento nacional, compreendido como a integração do crescimento econômico com bem-estar social e sustentabilidade.

Tomar a cidade de São Paulo como lócus da articulação entre teoria, prática e aplicação, posto que nessa metrópole podem ser encontrados muitos dos desafios do presente e do futuro da sociedade nacional.

O curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação é referência em suas área, formando profissionais preparados para as múltiplas possibilidades do mercado de trabalho.

O bacharelado

em Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP

O curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP é um bacharelado com duração de seis semestres que promove formação teórica aplicada, com forte embasamento técnico e conhecimentos humanísticos. O projeto pedagógico do curso baseia-se em uma integração disciplinar voltada para a prática e dispõe de recursos de educação à distância em ambiente virtual de aprendizagem que proporciona uma opção para a complementação das disciplinas, promovendo e impulsionando a competência informacional do aluno para as novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Os bibliotecários e cientistas da informação formados na FESPSP são capacitados para a atuação em bibliotecas, unidades, redes, serviços e sistemas de informação das mais diversas instituições públicas e privadas, exercendo atividades de pesquisa, recuperação, análise, organização, tratamento técnico e preservação de recursos informacionais.

A atualidade e a excelência de suas atividades estão expressas no alto grau de empregabilidade e respeitabilidade alcançados por seus egressos e a demanda do mercado pelos profissionais formados, sendo o curso amplamente reconhecido no mercado da cidade de São Paulo, especialmente entre os empreendedores.

Com o foco na inovação, o ensino tem ênfase no tratamento e na organização da informação e na responsabilidade social do futuro bibliotecário, além de oferecer base sólida que permite ao egresso avançar nos estudos (pós-graduação).

Eixos de formação

1 humanista, acadêmico e cultural

2 técnico e tecnológico

3 organizacional e gerencial

Disciplinas

Na estrutura definida, as disciplinas que constituem o eixo humanista, acadêmico e cultural fornecem suporte para o desenvolvimento do curso, enquanto as disciplinas que constituem os eixos técnico/tecnológico e organizacional/gerencial fornecem a base para o desenvolvimento profissional. São elas:

Introdução às Ciências Sociais Aplicadas

As CSA é um campo de conhecimento que compreende a relação entre teoria, pesquisa e aplicação na reflexão sobre a resolução de problemas e necessidades sociais, em uma perspectiva interdisciplinar. A disciplina aborda as origens das CSA, dando ênfase à sua construção relacionada com a problematização de questões sociais específicas da cidade de São Paulo, tais como: gestão, políticas públicas, emprego e renda, mobilidade urbana, moradia, acesso à informação, dentre outras.



Normalização Documentária aplicada à produção acadêmica e à pesquisa científica

Aborda a importância da normalização no contexto do desenvolvimento acadêmico e da pesquisa científica. Destaca o contexto da atuação profissional do bibliotecário, no âmbito da realização da pesquisa científica, no que diz respeito à padronização de processos e dados de pesquisa. Apresenta os principais sistemas de normalização: Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), American Psychological Association (APA) e Vancouver. Instrui para o uso e para a aplicação das principais normas da ABNT para a área de Informação e Documentação, com enfoque na reflexão crítica para a utilização das convenções estabelecidas.



Práticas profissionais

Vinculada à disciplina Introdução às Ciências Sociais Aplicadas. Organização, coordenação e acompanhamento da participação voluntária do estudante em serviços de informação e/ou atividades relativas ao bibliotecário e gestor da informação, sempre de forma não remunerada. Práticas iniciais e ação do estudante como agente de transformação social e mitigação das problemáticas resultantes da desigualdade de acesso à informação e ao conhecimento. Em conformidade com a Resolução CNE/CES n,7 de 18/12/2018.

Análise Textual

A disciplina promove o contato sistemático com materiais escritos, de forma a propiciar condições para a recepção organizada e crítica do texto, bem como provocar discussões sobre temáticas relacionadas ao direito à cidade provocadas por situações discursivas – orais e escritas - que favoreçam a utilização de processos argumentativos coerentes e persuasivos, considerando-se e valorizando-se os preceitos da norma padrão e suas variantes dialetais.

Conhecimento Científico, Ética e Pesquisa

Esta disciplina tem por objetivo apresentar os recursos iniciais para o desenvolvimento de pesquisas de campo interdisciplinar das Ciências Sociais Aplicadas.

Para tal, propõe desenvolver a formulação de projetos de pesquisa e orientar, metodologicamente, para a busca de resoluções de problemas com base no pensamento científico e em critérios de cientificidade.

Psicologia aplicada à Biblioteconomia

A disciplina tem como fundamento a integração social e o ensino superior; a construção de identidade, senso de equipe e grupo; papéis e relações interpessoais; liberdades, igualdades, diferenças e necessidades; psicologia social e organizacional; comportamento corporativo; trabalho em grupo e mediação de conflitos; biblioterapia e outras práticas emergentes em psicologia social; as relações entre trabalho, prazer e sofrimento.



Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Estudos dos conceitos fundamentais de Informação, Documentação e Ciência da Informação, considerando suas relações com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Compreensão histórica do campo de Biblioteconomia e Ciência da Informação em âmbitos nacional e internacional, com destaque para a Biblioteconomia paulista. Estudo sobre a formação pedagógica, legislação, entidades de classe e código de ética do bibliotecário. Análise do mercado de trabalho para o profissional bibliotecário, bem como a caracterização de diferentes tipologias de unidades de informação em que este poderá atuar.

Tecnologia da Informação e Comunicação aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação

Conceitos relacionados ao uso da tecnologia em diferentes espaços ocupados pelo profissional da informação. Estudos introdutórios sobre hardware, software, sistemas operacionais, redes, dispositivos de armazenamento de dados, segurança da informação, Internet, Intranet, Extranet, Internet das coisas, em diferentes cenários de atuação profissional.

Lógica nas Linguagens Documentárias

Introdução à Lógica, argumentação e pensamentos intuitivo e racional. Semântica e sintaxe dos formalismos lógicos tradicionais. Princípios da lógica aplicados à linguagem.

Discussão dos conceitos de linguagens naturais e controladas. Proposições simples e compostas. Tabelas-Verdade para proposições compostas. Propriedade e operações entre conjuntos discursivos. Quantitativos lógicos. Relações lógicas. Distinção entre palavra, termo e conceito. Construção de mapa conceitual.

Serviço de Referência e Informação

O serviço de referência e informação do presencial ao virtual: origens, conceito, evolução, processos e tendências. O profissional da informação e a relação com os usuários/clientes: competências pessoais e profissionais. O processo de referência. Produtos e serviços de informação: Disseminação Seletiva da Informação, tutoriais, capacitação de usuários internos e externos. Marketing e avaliação no serviço de informação. Tendências contemporâneas no Serviço de Referência.





Fontes de Informação e Pesquisa

Aborda os tipos de fontes de informação, com enfoque nas fontes primárias, secundárias, terciárias, obras de referência, literaturas branca e cinzenta. Trata das entidades como produtoras de informação, e apresenta o contexto das fontes de informação para a inovação com ênfase em patentes. Aborda a Internet como fonte de informação, destacando os indicadores e os critérios para a avaliação da informação *on-line*. Instrui para o desenvolvimento de estratégias de busca e para a realização de levantamento bibliográfico, bem como para o uso das principais bases de dados de informação científica, bibliotecas digitais e dos principais repositórios institucionais digitais. Reflete criticamente sobre o fenômeno das fake news no contexto da pós-modernidade e discute os conceitos de pós-verdade, desinformação e confiabilidade da informação.

Produção Textual

A disciplina aborda temas relativos à produção do texto, sua constituição, seus problemas e possibilidades. Combina atividades práticas de redação, com a produção de resenhas, resumos, notas críticas e dissertações, correção dos principais desvios de norma, oferta de possibilidades e alternativas para os diferentes níveis de linguagem e desenvolve os seguintes temas: modalidades discursivas (organização e constituição das ideias do texto); estruturação das modalidades discursivas (constituição do parágrafo); formalidades do discurso acadêmico (mecanismos léxico-gramaticais da produção escrita); coesão e coerência na constituição do texto; retextualização (alternâncias de modalidades discursivas: do formal para o espontâneo e coloquial; do referencial jornalístico e científico para o artístico e vice-versa); características dos discursos oral e escrito; oralidade e letramento.



Repositórios Institucionais e Documentos Digitais

Desenvolver os principais conceitos e atividades de planejamento e implantação de repositórios e bibliotecas digitais com base na filosofia do movimento de acesso aberto à informação e do conhecimento científico. São apresentados conceitos iniciais sobre documento digital e a sua importância para os arquivos. Apresentação e análise de tecnologias relacionadas ao GED (Gerenciamento Eletrônico de Documentos) e a preservação de documentos digitais. Articulação com a disciplina: Fundamentos Arquivísticos.



Introdução à Administração de Serviços de Informação

Estudo dos conceitos, origens e consolidação da administração. Caracterização das organizações e seu ambiente. Abordagem histórica do pensamento administrativo. Compreensão crítica da abordagem clássica, humana e comportamental, estruturalista e do desenvolvimento organizacional, bem como das teorias integrativas (sistêmicas e contingenciais) da administração, considerando a sociedade contemporânea. Estudo das perspectivas contemporâneas da administração.

Inglês para fins específicos

A disciplina tem como fundamento o conhecimento da língua inglesa como instrumento para compreensão, análise, identificação e interpretação de pontos-chave de textos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, tradução e interpretação de aspectos da CDD (Classificação Decimal de Dewey), subsídio para a compreensão da Representação Temática e das Linguagens Documentárias, termos descritores do Cabeçalho de Assuntos da Biblioteca do Congresso Americano (LCSH), capacitando o estudante a lidar com textos escritos em língua inglesa, desenvolvendo e ampliando as habilidades de comunicação e integração profissional à Biblioteconomia e Ciência da Informação.





Representação Temática I: Indexação e resumos

Estudo teórico-prático das técnicas de indexação e resumos, a fim de capacitar o estudante a indexar documentos textuais e imagens e elaborar resumos documentários. No âmbito da representação temática, aborda a indexação nos sistemas de organização e representação do conhecimento (SORC). Demonstra as etapas e os princípios da indexação, enfatizando a prática da análise documentária, mediante realização de leitura, síntese e resumo de conteúdos documentários. Ensina diretrizes de uma política de indexação. Explora os diferentes tipos de resumos e seus métodos de elaboração. Articulação com as disciplinas: Representação Descritiva II e Representação Temática II.

Representação Descritiva I

Caracterização da Representação Descritiva e da Catalogação no contexto da organização e da representação da informação e do conhecimento. Apresentação da história da catalogação, com ênfase aos séculos XX e XXI, destacando aspectos presentes no ensino da disciplina em São Paulo, a partir da criação do curso de Biblioteconomia na FESPSP. Estudo dos princípios que fundamentam a área e seus desdobramentos. Elaboração de catálogos de acordo com os códigos vigentes. Ressalta o papel do campo da representação nos processos de preservação dos acervos e suas memórias.

Representação Descritiva II

Estudo teórico e prático da Representação Descritiva no ambiente digital. Tendências da catalogação e dos catálogos e suas relações com a recuperação da informação na web. Tipologias de metadados com ênfase nos metadados descritivos. Criação de registros em sistemas automatizados de informação, importação de registros e trabalho em rede. Catálogos bibliográficos, catálogos de autoridade digitais e recuperação da informação. Articulação com as disciplinas: Representação Temática I e Representação Temática II.



História da Produção dos Registros do Conhecimento

A disciplina se fundamenta na necessidade de introduzir o estudante no conhecimento de um pensamento fundacional para a realização de seus estudos posteriores. Apresenta-se como uma abordagem sintética da história cultural da humanidade, através do estudo do processo evolutivo dos elementos essenciais da comunicação humana: a linguagem escrita e seus diversos suportes, os métodos de conservação dos mesmos e as instituições que os armazenaram ao longo do tempo.

Gestão de Serviços de Informação

Gestão aplicada aos Serviços de Informação com ênfase em Gestão da Qualidade, incluindo qualidade no atendimento, abordagem por processo e indicadores. Gestão de recursos incluindo gestão de pessoas, gestão financeira e planejamento & controle. Atuação do bibliotecário como gestor. Princípios da Gestão da Inovação aplicada aos Serviços de Informação. Parte Prática: Atividade: “Enxergando a gestão”.

Comunicação, Culturas e Diversidade

Os sistemas e os processos comunicacionais do século XX, com ênfase nos períodos após a segunda guerra mundial. Extensões e influências na constituição da biblioteconomia contemporânea. Serviços de informação; tecnologia de informação e usuário, revisitados pelas perspectivas da comunicação (perspectivas informacional, crítica e cultural). Aproximações com os conceitos de Indústria cultural, cultura de massa e o lugar do sujeito nestes contextos de produção.

Representação Temática II: Sistemas de classificação

Apresentação teórica e prática das linguagens documentárias pré-coordenadas, especificamente, dos sistemas de classificação documentários (Classificação Decimal de Dewey – CDD e Classificação Decimal Universal – CDU). Estímulo ao senso crítico dos estudantes para que compreendam a função (e os limites) desses instrumentos nas práticas documentárias de sistemas de organização e representação do conhecimento (SORC). Articulação com as disciplinas: Representação Descritiva II e Representação Temática I.



Prática em Pesquisa I

A Retomada de pontos significativos em Metodologia da Pesquisa Científica voltados para aplicação. Prática de definição e descrição de um problema e objeto de pesquisa, abordagens e respectivos instrumentos, a partir da temática da Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto Ciência Social Aplicada, e voltados para o enfrentamento de problemas, previamente delimitados, abrangendo situações encontradas na região metropolitana de São Paulo. Estabelecimento de programa de orientação discente e gerenciamento de calendário de atividades de pesquisa aplicada.

Recuperação da informação na web aplicada à pesquisa

Estudos sobre a evolução dos mecanismos de busca na web e sua aplicação na pesquisa. Análise e pesquisa a respeito das linguagens de marcação em websites (HTML, XML, Dublin Core, RDF), mecanismos de pesquisa integrada e metabuscadores com foco na recuperação e estruturação da informação na web. Conceitos relacionados a SEO - Search Engine Optimization e Analytics.

Representação Temática III: Tesouros e cabeçalhos de assuntos

Elaboração, normalização e uso das linguagens documentárias pós-coordenadas (vocabulário controlado, cabeçalhos de assuntos e tesouro), apoiando-se conceitual e metodologicamente na Documentação, na Linguística e na Terminologia. Elaboração de um tesouro documentário. Novas tendências dos sistemas de organização e representação do Conhecimento (SORC). Articulação com as disciplinas: Representação Temática I e Representação Temática II.

Arquitetura e Design de Informação

Na disciplina são apresentados os conceitos iniciais sobre planejamento e desenvolvimento de projetos, que se voltam à arquitetura interfaces, acessibilidade e usabilidade da informação. Estudos sobre o projeto de mudanças em websites, interfaces de softwares para gestão de informações, acervos digitais ou bibliográficos. Articulação com as disciplinas: Informatização de Serviços de Informação e Modelagem de Bancos de Dados.



Planejamento de Serviços de Informação

Análise, organização e planejamento de Ambientes e Serviços de Informação em relação as comunidades e ao público-alvo atendidos nesses espaços, com ênfase nas questões sociais desses sujeitos e nos aspectos de acesso e de apropriação de informação. Funções administrativas. Dimensionamento físico de espaços: arquitetura e design. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 para bibliotecas, a partir da abordagem do Design Thinking como um modelo híbrido, disruptivo de ensino que inclui a inovação a metodologia ativa em todo o processo de ensino aprendizagem. A disciplina também apoia e sustenta o Estágio Supervisionado Curricular como prática profissional.

Análise Estatística de Dados

Contempla o estudo dos conceitos básicos da Estatística aplicada à área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, enfatizando conceitos de medidas de tendência central e probabilidade, com o objetivo de desenvolver habilidades de análise, uso e síntese de dados reais, incluindo a realização de pesquisas em Serviços de Informação pelos discentes.

Projeto Cultural

Sistema Cultural e o lugar das bibliotecas de acesso público. Informação étnico-racial, questões de classe e das minorias. Direitos à cultura e comunicação. Com foco na cidade de São Paulo, estuda-se os espaços culturais alternativos e de resistência; as políticas públicas da Cultura, em especial, o PMLLLB, e, os indicadores e mapas da cultura, violência e desigualdades sociais. Ação e mediação cultural. Projeto Cultural e as etapas técnicas e metodológicas para elaboração, análise e implantação*. Disciplina vinculada aos eixos curriculares de inovação e direito à cidade. * Em conformidade com a Resolução CNE/CES n,7 de 18/12/2018.

Modelagem de Bancos de Dados

Estudo dos conceitos de metadados, estrutura de bancos de dados e seus sistemas gerenciadores. Princípios de banco de dados relacional e não-relacional. Estudo de modelos e modelagem de dados (Entidade-relacionamento), normalização e estrutura de dados. Introdução a linguagem SQL (Structured Query Language / Linguagem de Consulta Estruturada). Articulação com as disciplinas: Arquitetura e Design de Informação e Informatização de Serviços de Informação.





Informatização de Serviços de Informação

Estudo da concepção, planejamento, desenvolvimento, implantação de projetos de automação de unidades e serviços de informação. Compreensão sobre a necessidade de aplicação de tecnologias para automação de unidades e serviços de informação (Bibliotecas, Centros de Documentação e Arquivos). Caracterização e reconhecimento das possibilidades de utilização de softwares proprietários, softwares livres e softwares gratuitos para informatização de serviços de informação. Identificação e levantamento de análise de requisitos técnico-funcionais. Experimentação de softwares para informatização de serviços de informação. Articulação com as disciplinas: Arquitetura e Design de Informação e Modelagem de Bancos de Dados.

Gestão de Coleções

Estudo de usuário realizado na perspectiva da resolução de problemas em Serviços de Informação. Política de desenvolvimento de coleções impressas e digitais. Critérios e processos de seleção e aquisição. As tendências de cooperação e consórcios. Avaliação sistemática do uso e idade das coleções. Bibliometria no desenvolvimento de coleções.

Mediação da Informação, da Leitura e do Aprendizado

Conceito de mediação na perspectiva de Vygotsky. O papel socioeducativo do mediador. Promoção da leitura crítica e do aprendizado como formas de enfrentamento à exclusão social e da valorização de práticas de cidadania. A formação do leitor. A promoção da leitura literária infantil (dos clássicos aos novos formatos). O desenvolvimento de coleções literárias, comunidades leitoras e coletivos ativistas. Desenvolvimento de competências informacionais.

Fundamentos Arquivísticos

Aborda as origens da Arquivologia enquanto Ciência da Informação e suas relações interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, como a Biblioteconomia, assim como a estreita relação com a área de Preservação e Conservação de Acervos na identificação de suportes e manuseio de documentos (suporte papel). Apresenta os conceitos arquivísticos, propriedades e características dos documentos, assim como políticas eficazes de conservação, preservação, gestão e guarda de documentos, refletindo a importância do arquivo como instrumento de função social. Articulação com as disciplinas: Preservação e Conservação de Acervos e Repositórios Institucionais e Documentos Digitais.





Estudo de Usuários e Preservação e Conservação de Acervos

Através de conceitos básicos sobre preservação e conservação, a disciplina apresenta e aprofunda conhecimentos sobre os materiais que constituem os documentos, para identificação de suporte, análise das condições ambientais, rotinas e práticas de conservação orientadas, como acondicionamento, guarda e cuidados com a saúde, com o uso de EPI's. A disciplina possibilita ao estudante atuar de forma interdisciplinar no campo da preservação e conservação do patrimônio bibliográfico e documental, em bibliotecas e arquivos. Articulação com a disciplina: Fundamentos Arquivísticos.

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Vinculado à disciplina Prática em pesquisa I. Horas destinadas a atividades práticas de pesquisa, sob supervisão dos respectivos orientadores do TCC.

Sociedade da Informação e Comunicação em Mídias Digitais

Compreensão crítica sobre o conceito de Sociedade da Informação e do Conhecimento à luz da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Reflexão sobre o conceito de Cibercultura e Ciberespaço, bem como a sua evolução e impacto nos processos de colaboração, compartilhamento e apropriação da informação na contemporaneidade. Discussão sobre o uso social da TIC's, considerando novos modos de relações sociais e de participação política dos diferentes grupos e sujeitos. Demonstração das possibilidades de uso das diferentes mídias e redes sociais pelas unidades de informação para a divulgação de seus produtos e serviços, para a inclusão digital de minorias na cidade de São Paulo, promovendo o direito à cidade, e para o desenvolvimento de ações de letramento informacional e midiático.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Vinculado à disciplina Prática em Pesquisa II. Horas destinadas a atividades práticas de pesquisa e elaboração de dissertação, sob supervisão dos respectivos orientadores do TCC.



Linha do tempo

MUNDO | BRASIL | FESPS



1931

Ranganathan formula suas 5 leis da Biblioteconomia.

O Instituto Internacional de Bibliografia passa a se chamar Instituto Internacional de Documentação.

1935

Criação do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, tendo à frente o escritor Mário de Andrade. Reconhecimento da FESPSP como instituição de utilidade pública.

1938

É cortada a verba destinada ao curso de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo. Em 20 de dezembro forma-se a primeira turma de bibliotecários de São Paulo. Fundação da Associação Paulista de Bibliotecários (APB).

1940

Incorporação do curso de Biblioteconomia pela FESPSP, anteriormente mantido pela Prefeitura de São Paulo.

1941

Fundação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

ANOS 40

1933

Fundação da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), núcleo original da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

1936

Criação do ônibus-biblioteca por Mário de Andrade. Sob a liderança de Borba, o Departamento de Cultura organiza um curso de Biblioteconomia para treinamento dos funcionários

1940

O DASP cria curso intensivo de 6 meses para preparação de quadros técnicos. Cria também os cargos de bibliotecário e bibliotecário auxiliar no serviço público.

1944

É instaurado o Decreto Lei N° 6440 que promove a formação e aperfeiçoamento dos bibliotecários, além de difundir os progressos do campo da biblioteconomia.

1944

A Biblioteca Nacional reformula seu curso de Biblioteconomia.

1949

É fundada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Bibliotecários. É publicada a edição nacional das *Normas para Catalogação de Impressos* da Biblioteca Apostólica Vaticana, sob a orientação de Lydia de Queiroz Sambaquy.

1952

FESPSP conquista a referência nacional no ensino de Sociologia e Biblioteconomia.

1954

A FESPSP muda-se para sede fixa no casarão da rua General Jardim, 522.

1954

UNESCO cria o programa UNISIST, Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnológica que dará apoio à criação do IBBD.

1958

Reconhecimento da Biblioteconomia como profissão liberal. É publicada, na Holanda, a *Bibliographia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes. Portaria de 7 de outubro do Ministério do Trabalho adiciona Bibliotecário no quadro de atividades e profissões.

ANOS 50

1946

Currículo de sociologia da Escola de Sociologia e Política (ESP), mantida pela FESPSP, é considerado como parâmetro nacional nas ciências sociais.

1953

1º Congresso de Biblioteconomia – CBBB no Distrito Federal, Brasília.

1951

Conferência Internacional sobre o Desenvolvimento de Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina em São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade.

ANOS 60

1954

1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), em Recife.

Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

1961

Novo currículo do curso de Biblioteconomia da FESP. O curso é elevado ao status de nível superior.

1962

Conselho Federal de Educação fixa o currículo mínimo, estabelecendo a duração dos cursos de Biblioteconomia. Lei nº 4.084 regula o exercício da profissão de bibliotecário. Decreto n.56725 leva à criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.

1963

3º CBBB em Fortaleza.

1965

Em 16 de agosto de 1965, assinatura do Decreto 56.725, regulamentando a Lei 4.084/62.

1966

Nomeação de Laura Garcia Moreno Russo, primeira presidente eleita para a diretoria do CFB.

1967

Criação da Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação - ABEBD. Essa Associação constituiu um marco importante na estruturação da carreira bibliotecária no Brasil.

1965

Criação da ECA e do curso de biblioteconomia sob a inspiração de Maria Luisa Monteiro da Cunha. Portaria n.585 do Ministério do Trabalho e Previdência Social institui o Grupo de Trabalho para a primeira eleição de diretoria do CFB.

1969

Convenção de Colonia (1969) – Define a biblioteconomia como disciplina científica e apoia a aplicação das teorias organizativas à gestão bibliotecária.

1978

Lei n.9674 que designa a função de bibliotecário por meio de bacharelado.

2003

Conforme orientação do Parecer CNE/CES 67, de 11 de março de 2003, eliminou-se a exigência de currículos mínimos nacionais.

1998

Promulgação da Lei 9.674 trazendo complementações à Lei 4084/62.

1991

Nascimento da internet.

ANOS 70

ANOS 90

Referências

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CASTRO, César. *História da Biblioteconomia brasileira*. Brasília: The-saurus, 2000.

FONSECA, Edson Nery da. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Brasília: INL, 1979.

KANTOR, Iris; MACIEL, Débora Alves; SIMÕES, Júlio Assis (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: - anos de formação: 1933-1953: depoimentos*. 2. ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009.

LEITE, Serafim (1938). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. v. 2. Lisboa: Livraria Portugalia, 1953.

LOURENÇO FILHO, M. B. *O ensino e a biblioteca*. Conferência da Série: a educação e a biblioteca. n. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MARTUCCI, E. M. R. A feminização e a profissionalização do magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225-244, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX*. Florianópolis: UFSC, 2009.

VILLALTA, Luiz Carlos. O Diabo na Livraria dos Inconfidentes. In: NOVAIS, Adauto. (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, v. 1, p. 367-395.

Biblioteconomia: passado e futuro de uma profissão

Título

Maria das Mercês Pereira Apóstolo (consultoria, pesquisa e redação)

Jorge Henrique Bastos (pesquisa e redação)

Winderson Jesus Gomes (iconografia)

Adriana Maria de Souza (consultoria, pesquisa e redação)

Rodrigo Estramanho de Almeida (coordenação)

Organização

Shana Sudbrack - Cartola Conteúdo

Produção Editorial

Ulisses Romano

*Projeto gráfico de capa e
miolo e editoração eletrônica*

Rodrigo Estramanho de Almeida

Revisão de textos e de provas

Winderson Jesus Gomes

Secretaria Editorial

21cm X 21cm

Formato

Bookman e Cambria

Tipologias

Bibli⁸⁰
TECONOMIA
FESPSP



Fundação Escola de
Sociologia e Política
de São Paulo
DESDE 1933